

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ**  
**ANGÉLICA SANTOS BALTAZAR ANTUNES**

**“SER COMUNISTA, UMA MANEIRA DE SER”: UM OLHAR  
SOBRE A AUTOBIOGRAFIA DE MARIA PRESTES.**

**CURITIBA**

**2017**

**ANGÉLICA SANTOS BALTAZAR ANTUNES**

**“SER COMUNISTA, UMA MANEIRA DE SER”: UM OLHAR  
SOBRE A AUTOBIOGRAFIA DE MARIA PRESTES.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção de grau de licenciada em História. Orientadora: Prof. Ms. Viviane Maria Zeni Leão.

**CURITIBA**

**2017**

## AGRADECIMENTOS

Desde meu ingresso na Universidade Tuiuti do Paraná, muitas foram as pessoas que conheci e que de alguma forma colaboraram para a realização deste sonho. Em primeiro lugar gostaria de agradecer à professora Viviane Zeni, minha orientadora, que durante esses anos de curso tornou-se uma amiga. Muito do que foi escrito nesta monografia surgiu de conversas sobre o tema, aulas e leituras desenvolvidas sob sua influência. Obrigada pelas correções, sugestões, conselhos e também pela paciência e compreensão.

Aos professores (as) das demais disciplinas que cursei durante esses quatro anos de UTP, em especial aos professores Liz Andréa Dalfré e André Siqueira, pela ajuda com sugestões e dicas, cada um com sua particularidade contribuíram para que essa pesquisa se realizasse.

A todos os colegas da UTP, que estavam sempre dispostos à escutar as “sofrências” do TCC, sempre prontos para emprestar os “ouvidos”. Em especial, as amigas Luana Pastore, com quem estabeleci constantes diálogos sobre a pesquisa e sempre estive ao meu lado – nas alegrias e desesperos -, seja para chorar, rir ou conversar; à Eliane Wandersee, que esteve desde início comigo; à Suzana Durda, amiga para todas as horas.

Em especial à meus pais, os melhores que poderia ter, que estiveram sempre ao meu lado, me apoiando e ajudando. Que dedicaram seu tempo para cuidar da minha princesinha, para que conseguisse terminar a faculdade. Se, sou a mulher forte para a minha filha hoje, é resultado da educação e carinho que ambos me deram! Gratidão sempre!

Ao Jeferson, que sempre está ao meu lado, tendo muita paciência ao enfrentar as crises de mau humor e insegurança durante a escrita da monografia.

Por fim, um agradecimento especial à minha pequena Victória, que por hora, não poderá interpretar essas palavras, mas no futuro, quero que saiba que por sua causa, isso foi possível. É de você que tiro a força e a vontade de alcançar todos os objetivos. Por quem luto a cada dia para ser uma pessoa melhor. Quero que saiba que todo o sacrifício de ficar longe de você, foi certamente para lhe dar uma boa vida e lhe comprar as melhores próteses (risos). Eu te amo minha pequena guerreira!

## A ESCOLHA DE MARIA.

E se Maria não tivesse escolhido?  
Escolhida não teria sido!  
Para que lutar, desafiar o poder?  
Uma simples menina, ela poderia ser  
Mas desde pequena, à luz de seu pai  
A menina inquieta queria muito mais  
Muito mais que dormir, comer, descansar  
Ela queria ser livre e para isso lutar, lutar  
Por defender seus ideais, passou por muitas privações  
Mas nem por isso se abateu  
ao lado do Cavaleiro da Esperança  
por muitos anos viveu,  
experimentou todo o tipo de emoções  
Na alegria, na tristeza  
Na clandestinidade, no medo e nos segredos  
Ela Maria com muita simplicidade e altivez  
manteve com fé e determinação  
a bandeira da Coragem que pulsava em seu coração  
E se esses caminhos, por livre arbítrio  
Ela não tivesse percorrido  
mais pobre teria ficado nossa história  
Sem a existência dessa guerreira que se doou  
sem contar vantagens ou querer glórias!

Dayse Roldão (Contagem, 06 ago. 2015)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a Moral Comunista na autobiografia de Maria Prestes, tendo por fontes o livro *Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes* e a obra doutrinária *A Formação da Moral Comunista* de Nicolai Ivanovich Boldyriev. Para trabalhar com o gênero textual da autobiografia, foi preciso uma reconstrução do contexto social ao qual a autora esteve inserida, isto se deve, a subjetividade que a memória e a escrita de si estão expostas, ou seja, a discussão sobre tais conceitos, abrem um leque de interpretações e reinterpretações da fonte. Portanto, o estudo apontou para a elaboração de um breve histórico do Partido Comunista do Brasil (PCB) e o reflexo da “nova moral” na militância pecebista, além do engajamento da militância feminina na luta revolucionária, ao qual se inclui a trajetória de Maria Prestes.

Palavras-chave: Moral Comunista, Autobiografia, Memória, PCB.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>1. CAPÍTULO.....</b>	<b>9</b>
1.1 O PCB E A MORAL COMUNISTA.....	9
1.2 MILITÂNCIA PECEBISTA.....	17
<b>2. CAPÍTULO.....</b>	<b>26</b>
2.1 MILITÂNCIA FEMININA.....	26
2.2 MARIA E SUAS MEMÓRIAS.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO.

O presente trabalho objetivou analisar a moral comunista presente na autobiografia de Maria Prestes, intitulada: “Meu Companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes”<sup>1</sup>, edição de 1993, publicada pela editora Rocco. Por meio deste livro, a autora relatou as memórias de sua vida como companheira da personalidade política que por mais tempo ficou na direção do Partido Comunista do Brasil (PCB): Luiz Carlos Prestes<sup>2</sup>. Rememorando a sua vida, Maria Prestes narrou sobre a sua adesão ao PCB, o dia-a-dia da militância, as prisões, fugas, períodos de clandestinidade e de identidades trocadas, cotidiano vivenciado por vários militantes pecebistas.

A proposta para esta pesquisa surgiu quando entrei em contato com a obra de Maria Prestes e ao ler as pesquisas da historiadora Miriam Goldenberg<sup>3</sup> sobre a “invisibilidade feminina” na política e certa maneira na própria *História*. A autobiografia da militante despertou a atenção pela narrativa sobre o cotidiano de privações que os homens e as mulheres do PCB enfrentaram por desejarem um mundo mais justo e solidário.

Maria Prestes é conhecida por ser a segunda mulher do Cavaleiro da Esperança, fato que ofuscou a sua própria trajetória como mulher e militante do Partido Comunista do Brasil. Ciente desta questão, buscou-se por meio de sua autobiografia, analisar em que medida a pecebista interiorizou os signos e as simbologias da organização.

Durante boa parte do século XX, muitos homens e mulheres vislumbraram na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) um exemplo a ser seguido, enquanto modelo alternativo de sociedade. Este modelo incentivou vários grupos sociais a aderirem a luta proposta pelo ideário comunista e os militantes pecebistas

---

<sup>1</sup> PRESTES, Maria. *Meu Companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

<sup>2</sup> Luiz Carlos Prestes (1898-1990) – Foi um dos líderes do Movimento Tenentista na década de 1920, destacando-se por suas ações ganhou a alcunha de *Cavaleiro da Esperança*. Aderiu ao PCB em 1934, por ordem da Internacional Comunista (IC), foi um dos líderes dos levantes comunistas em 1935, e preso em 1936 permanecendo por nove anos no cárcere. Em 1943, foi eleito Secretário Geral do PCB, ocupando o posto por aproximadamente 40 anos. Foi o segundo companheiro de Maria Prestes, sendo retrata do em sua autobiografia ora pelo seu nome, ora pelo seu *nome de guerra* Pedro, ora por *Velho*. < REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

<sup>3</sup> GOLDENBERG, Miriam. Mulheres & Militância Política de Esquerda no Brasil: uma história não contada. In: 20ª Reunião Anual da ANPED, GT11, 1997. *Educação crise e mudança: tensões entre a pesquisa e política*. Anais... Caxambu – MG. n.p. Disponível em: <www.anpocs.com>. Acesso em: 25 out. 2016.

não fugiram a esta regra. No III Congresso do Komsomol<sup>4</sup>, Vladimir Ilyich Ulyanov conhecido por seu pseudônimo, Lênin e Josef Vissariónovith Stálin orientaram sobre a moral comunista que entendiam como um conjunto de normas e regras que determinariam a conduta dos militantes, destacando os princípios da educação, disciplina, espírito de camaradagem.

A nova moral objetivava educar a jovem geração no espírito da disciplina consciente e necessária pois, segundo Lênin: “Para um comunista, toda a moral se encontra numa disciplina coesa e solidária e na luta consciente das massas contra os exploradores”.<sup>5</sup> Essa nova moral baseava-se em modelos exemplares a serem seguidos e portanto aptos a conduzirem os militantes a valorizar o *digno nome de comunista*.

Para responder a problemática levantada buscou-se apoio metodológico dos autores Giovanni Levi<sup>6</sup> e Vavy Pacheco<sup>7</sup> e suas indicações sobre o tratamento dado as biografias, autobiografias enquanto fontes históricas foram fundamentais. Segundo Pacheco, as biografias estão no centro das discussões dos historiadores, pois tratam dos comportamentos, destacam a relação das práticas e o funcionamento das leis e regras sociais. Logo, o trabalho com uma autobiografia, requer um criterioso levante bibliográfico sobre o contexto vivenciado pelo autobiografado, para assim conseguir ver essa pessoa em movimento perante a história e não apenas como um telespectador.<sup>8</sup>

Neste ponto, a dimensão afetiva das experiências particulares, sociais e políticas, se relaciona a função criativa inscrita na memória de atualização do passado lançando-se em direção ao futuro, trazendo à tona uma densa e significativa carga afetiva.<sup>9</sup>

Assim sendo, para o trabalho com o gênero textual da autobiografia, é de grande valia a interpretação do contexto social, pois a escrita de si é envolvida em

---

<sup>4</sup> Komsomol – União das Juventudes Comunistas, criada em outubro de 1918.

<sup>5</sup> BOLDYRIEV, Nicolai Ivanovich. *A Formação da Moral Comunista*. Folheto editado em Moscou em 1951, pela Sociedade de Divulgação dos Conhecimentos Políticos e Científicos da URSS. Disponível em: <[www.pcrbrasil.org](http://www.pcrbrasil.org)>. Acesso em: 02 ago. 2016.

<sup>6</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). *Usos e abusos da História Oral*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

<sup>7</sup> PACHECO, Vavy Borges. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto. 2008.

<sup>8</sup> PACHECO, Vavy Borges. Grandezas e misérias da biografia. In: *id. ibid.* p. 204.

<sup>9</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de Histórias: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, STELA; NAXARA, MÁRCIA (org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001. p. 38-39.



diversos significados, afetividades e particularidades enraizadas à memória e ao seu passado.<sup>10</sup>

Como apoio teórico foi utilizado, mesmo que parcialmente, as considerações de Michael Pollak, que em seu artigo sobre as memórias, os esquecimentos e os silêncios alerta que a memória é um “fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”,<sup>11</sup> e por ser seletiva é um objeto construído, que pode sofrer alterações a medida que o tempo/distância aumentam, construindo assim, espaços de esquecimentos e silêncios.

As discussões abordadas nas obras de Jorge Ferreira e Rodrigo Patto Sá Motta foram de grande valia para a compreensão do imaginário comunista e da influência da nova moral no PCB respectivamente.

Com base nas indicações teóricas, metodológicas e historiográficas e nas fontes representadas pela autobiografia de Maria Prestes e pela obra doutrinária *A Formação da Moral Comunista* de Nicolai Ivanovich Boldyriev, optou-se por dividir esta monografia em dois capítulos. No primeiro capítulo buscou-se reconstruir uma breve história do PCB e o reflexo da “nova moral”, formada entre seus militantes. Na sequência foram destacados a vida partidária, os signos e as simbologias que orientavam estes homens e mulheres na disciplina imposta pela organização, disciplina que modelava o ser, pensar e agir como *dignos comunistas*.

No segundo capítulo, foi apresentada a militância feminina no PCB destacando que a organização embora incentivasse a participação das mulheres na política não deixou de reproduzir e propagar valores pautados em uma moral que tanto condenavam. As mulheres pecebistas mesmo enfrentando um pensamento “conservador” engajaram-se na luta revolucionária e a trajetória de Maria Prestes inseriu-se nesse processo.

É por esse viés de leituras que se afirma o objetivo desta pesquisa, analisar a trajetória política de Maria Prestes, bem como sua assimilação dos códigos e simbologias da nova moral, buscando mesmo que sumariamente levantar a discussão sobre memória e autobiografia como fontes históricas e como, estas abrem um leque de interpretações, devido á subjetividade em que são sujeitadas.

---

<sup>10</sup> PACE, Ana Amelia Barros. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. 2012. 172 f. Dissertação de Mestrado e Estudos Linguísticos, Literários e Tradutórios em Frances. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. p. 47.

<sup>11</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Editora FGV, v.5, n. 10, 1992. p. 201. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>> Acesso em: 15 Jun. 2017.

## 1. CAPÍTULO

### 1.1 O PCB E A MORAL COMUNISTA.

Trabalhadores das duas Américas,  
uni-vos! A Internacional Comunista  
vos chama para a ação! Viva a  
revolução mundial!  
(Comitê Executivo da Internacional  
Comunista)

O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi fundado em um Congresso realizado em 25 de março de 1922, por um grupo de participantes do movimento anarquista e a sua trajetória política foi marcada pela repressão e clandestinidade. A origem da organização foi motivada pelas lutas operárias que agitaram o país entre os anos de 1917 e 1920, além dos impactos da revolução proletária na Rússia. Com o objetivo de conquistar o poder político pelo proletariado e transformar a sociedade capitalista em comunista, pequenos grupos de propaganda, com aproximadamente 73 pessoas espalhadas pelo Brasil, “gente pobre, obscura, tolhida por mil dificuldades, a começar por sua formação teórica [...]”, começou a lutar e a agir pela compreensão mútua internacional dos trabalhadores.<sup>12</sup>

O Congresso realizado para a fundação do PCB, reuniu poucos operários e intelectuais e mesmo sem grande repercussão o então presidente Epitácio Pessoa, colocou a organização na ilegalidade. No entanto, cabe aqui lembrar que o PCB foi o primeiro partido político com alcance nacional, além de ser formado em um período no qual o discurso anticomunista já conquistava adeptos no âmbito mundial.

Visando recuperar a legalidade para desenvolver suas ações políticas em 1927, o PCB por meio do jornal *A Nação*, publicou uma “carta aberta” a entidades e personalidades políticas propondo um programa comum chamado de “Frente Única Proletária”, resumindo a plataforma do Bloco Operário, que em 1928 converteu-se no Bloco Operário e Camponês (BOC), sem portanto contar com o ingresso de camponeses em sua composição. O programa do BOC apresentava como pontos centrais a luta contra o imperialismo e o reconhecimento da URSS por parte do governo brasileiro, além de inúmeras reivindicações dos trabalhadores, como por

---

<sup>12</sup> PEREIRA, Astrojildo. Formação do PCB. In: *Ensaio Histórico e Político*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, p. 43.

exemplo, habitação operária e extensão da obrigatoriedade do ensino primário gratuito.<sup>13</sup>

Por meio do BOC, o Partido Comunista conquistou muitas vitórias tanto em relação as adesões quanto nas eleições municipais no Rio de Janeiro, vitórias estas que conduziram o então presidente Washington Luís a tomar medidas repressivas contra a organização que passou a ter suas ações realizadas sob a legenda do BOC.

Ainda em 1928, mesmo atuando na clandestinidade, o PCB conseguiu uma dupla tarefa: divulgar o Manifesto do Partido Comunista e lançar o jornal *A Classe Operária*, objetivando divulgar as teses marxistas para o proletariado.

Neste momento, a organização cresceu em grande proporção e seções estaduais, locais ou de categorias profissionais foram criadas em vários estados do país. No entanto, tal crescimento e autonomia do BOC, geraram críticas oriundas de instâncias internacionais ligadas ao PCB, do Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista (SESA) e da própria Internacional Comunista (IC), devido ao seu VI Congresso marcado por um ciclo de orientações de cunho sectário e subjetivista.

Dentre estas orientações, estava o espectro da “classe contra classe”, devendo os comunistas renegar qualquer aliança com as burguesias nacionais e em consequência com a social-democracia. Essa orientação chocava com todos os esforços que o PCB fizera para se aproximar dos setores da pequena burguesia influenciados pelos tenentes, que obtiveram prestígio político com os levantes da década de 1920, além da marcha da Coluna Miguel Costa-Prestes.<sup>14</sup> A partir deste momento, alguns dirigentes do PCB foram ao encontro de Luiz Carlos Prestes, com uma proposta de lançá-lo como candidato à presidência pela legenda do BOC para as eleições de 1930. No entanto, a resposta do líder tenentista foi negativa, pois embora pessoalmente concordasse com o programa, os demais tenentes não o

---

<sup>13</sup> SEGATTO, José A.; SACCHETTA, Vladimir; *et. alli.* PCB: memória fotográfica. 1922-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 19.

<sup>14</sup> A marcha da Coluna Miguel Costa-Prestes foi o ápice dos levantes tenentistas que ocorreram na década de 1920. Na cidade de Foz do Iguaçu, a Coluna Paulista liderada por Miguel Costa uniu-se a Coluna Gaúcha liderada por Luiz Carlos Prestes. Seus objetivos eram combater as arbitrariedades do governo de Arthur Bernardes e as oligarquias. Ao todo a Coluna marchou por dois anos e percorreu 15 estados e mais de 25.000 km até o exílio na Bolívia. A Coluna nunca foi vencida e Luiz Carlos Prestes consagrou-se na liderança da marcha e devido as suas ações ganhou a alcunha de “Cavaleiro da Esperança”. < REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 59.

aceitaram. A ruptura das negociações com os tenentes, fez com que o BOC lançasse a candidatura de Minervino de Oliveira<sup>15</sup>, sendo este o primeiro operário e negro a participar de eleições presidenciais. Possuindo como propaganda eleitoral o *slogan* “Votar no Bloco Operário e Camponês é votar na Revolução” e por defender o reconhecimento da URSS, como já citado, a organização enfrentou novamente a repressão e vários militantes foram perseguidos e presos, inclusive Minervino de Oliveira. Após as eleições o BOC foi extinto.

Isabel Leite, ao analisar os primórdios do PCB constatou suas singularidades em relação aos demais PC's. A primeira singularidade, consiste nos estágios que nortearam a sociedade brasileira: sociedade escravocrata; surgimento dos primeiros centros industriais; formação dos núcleos operários por imigrantes italianos e espanhóis sob influência anarquista, que por sua vez, foram responsáveis pela criação do PCB. Já a segunda singularidade, foi a influência militar, devido a presença de Prestes no Partido, a partir da década de 1930.<sup>16</sup>

Mesmo com estas peculiaridades, o PCB modificou-se após as novas orientações vindas da IC, como por exemplo, a substituição dos dirigentes intelectuais por operários, fase conhecida por “proletarização”, “obreirismo” ou “bolchevismo”. Os primeiros a “sofrer” com esta fase de “limpeza”, foram principalmente seus fundadores.

Com base nas determinações da IC, o PCB buscou desenvolver uma política de teoria marxista-leninista e criou seus códigos e modelos de comportamentos que formaram o seu conjunto de referências, ou melhor dizendo, a sua cultura política.

Em seus estudos sobre o PCB, Dulce Pandolfi entende a cultura política comunista como uma determinada visão de mundo compartilhada e vinculada a uma tradição iniciada com a vitória da Revolução de Outubro 1917 e o modelo de

---

<sup>15</sup> Minervino de Oliveira (1891-?), começou a trabalhar como aprendiz de tecelão nas fábricas aos 10 anos de idade. Em 1911 atuou no movimento sindical e após onze anos ingressou no PCB, colaborando com artigos no jornal *A Classe Operária*. Em 1929, foi lançado como candidato a presidência e anos depois preso várias vezes, devido a perseguições políticas. Após a sua absolvição do Presídio da Ilha Grande (1931), seus registros desapareceram. < In: *A Era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

<sup>16</sup> LEITE, Isabel Cristina. Cultura política comunista: múltiplas facetas no discurso de seus militantes radicais. In: III Congresso Internacional de História Oral de La Republica Argentina, 2009, Buenos Aires. *Los usos de la memoria y la história oral*. Buenos Aires: Patrimônio e Instituto Histórico, 2009. p. 3.

sociedade implantado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), continua a autora, teve por inspiração os escritos de Marx, Engels e Lênin.<sup>17</sup>

Outra especificidade da cultura comunista está relacionada aos códigos morais adotados pelos militantes. Esta questão remete as considerações de Rodrigo Patto Sá Motta, sobre a severidade dos comunistas em relação à conduta moral e suas contradições considerando as questões libertárias da tradição revolucionária. Para o historiador, é paradoxal que um projeto visando a emancipação humana, tenha dado origem a normas de comportamento tão rígidas<sup>18</sup>, como pode-se perceber no relato de um militante mineiro, ex-sindicalista e ex-vereador do PCB:

Nós éramos sinceros, mas muito sinceros mesmo. Um comunista em relação ao outro era como um irmão de verdade. E o respeito também, entre si. É lógico que em toda sociedade às vezes existe algum que sai fora da linha, ao respeito para com as companheiras (...). Um companheiro que, por exemplo, teve uma relação com uma jovem era só de falar 'você vai casar e pronto'. (...) Publicava o nome do cidadão: 'expulso por isso, por imoralidade'.<sup>19</sup>

Ao enfatizar a sinceridade, solidariedade e o respeito no interior da organização, o militante indica que novos valores foram agregados à sua vida, como também o controle que o Partido mantinha em relação a vida privada e pública partidária dos seus membros. Em outras palavras, ao mencionar *nós somos sinceros, irmãos de verdade*, o militante indica a supressão de suas particularidades em detrimento das necessidades do Partido.

Além disso, o relato acima mencionado permite perceber que os militantes atribuem ao grupo, representações que objetivam dar continuidade a um sentimento de pertencimento a uma coletividade, construindo assim um reconhecimento de si, dentro da própria organização.

Pode-se perceber também que entre os comunistas havia uma relação moral severa, na qual os casos eram debatidos entre os Comitês para avaliações e, dependendo da infração, poderia ocorrer, ou não, a expulsão do militante.

<sup>17</sup> PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: História e Memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995. p. 35.

<sup>18</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. In: *Revista de História*, Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, n. 1, p. 73. ISSN 1413-3024.

<sup>19</sup> *ap.* MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. In: *Revista de História*, Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, n. 1, p. 73. ISSN 1413-3024.

No ano de 1954, o PCB publicou no jornal a *Voz Operária* as alterações realizadas em seus Estatutos em relação as questões morais. Sobre o comportamento dos militantes, o artigo 46 definiu que:

As organizações do partido de todos os graus poderão tomar medidas disciplinares, sempre sujeitas à aprovação do organismo imediatamente superior e de acordo com as circunstâncias concretas, contra os infratores da moral do partido (mentir ao partido, incidir em calúnias, dissoluções de costumes, etc) e em virtude de faltas que o partido considere criminosas como o não cumprimento das resoluções dos organismos superiores, a violação do Programa e dos Estatutos do Partido, ou ainda conduta que prejudique o prestígio e influência do Partido no seio da classe operária e o povo.<sup>20</sup>

Segundo Motta, todos os militantes deveriam seguir os preceitos morais, como dedicar-se ao Partido sem limites, amar o povo brasileiro, respeitar os povos de todos os países, serem destemidos na luta pelos objetivos partidários, desenvolver a abnegação, a modéstia, o espírito de disciplina, a camaradagem, além da honestidade e sinceridade para com a organização e a confiança na vitória da Revolução afinal “(...) educando-nos, nos princípios da moral do Partido (...), subordinamos toda a nossa vida aos interesses partidários”<sup>21</sup>, afirmou Maurício Grabois<sup>22</sup> quando indagado sobre o espírito revolucionário que permeava as ações dos pecebistas. Entre os homens e as mulheres que aderiram a causa comunista, o PCB era vivenciado como uma grande entidade que os conduziria a almejada Revolução pois, continuou o militante:

O Partido é tudo para nós, é a nossa razão de ser, é a nossa grande família. Sem o Partido, jamais cumprimos a tarefa histórica de conduzir o nosso povo a completa libertação (...). Por isso, não é demais insistir no que já vem sendo uma lei para nós: o militante não pode ter duas vidas, uma dentro do Partido e outra fora.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. *Estatutos do PCB*. Aprovado no IV Congresso, 1954. Disponível em: <[www.pcb.org.br](http://www.pcb.org.br)>. Acesso 16 abr. 2017.

<sup>21</sup> GRABOIS, Maurício. *ap.* MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. In: *Revista de História*, Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, n. 1, p. 76. ISSN 1413-3024.

<sup>22</sup> Maurício Grabois ingressou no PCB em 1932, e se destacou na luta contra o fascismo. Em 1943, na Conferência da Mantiqueira foi eleito membro do Comitê Central e dois anos depois deputado federal, liderando a bancada comunista no Congresso até 1948, quando seu mandato foi cassado. Na década de 1960, junto a João Amazonas articulou a organização do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Por décadas dirigiu o jornal *A Classe Operária* durante a ditadura militar foi assassinado na Guerrilha do Araguaia em 1973. < In: *Portal Marxists Internet Archive – Dicionário Político*. Disponível em: <<http://www.marxistsfr.org>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

<sup>23</sup> GRABOIS, M. *ap.* MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. In: *Revista de História*, Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, n. 1, p. 81. ISSN 1413-3024.

Na maioria dos depoimentos de militantes, como Grabois, que atuaram nas décadas de 1930 e 1950, pode-se perceber a exaltação da organização, bem como de seus membros, como por exemplo, seu compromisso com o povo, os teóricos que embasavam a “verdade” revolucionária, os homens éticos e disciplinados que estavam dispostos aos mais variados sacrifícios, que as instrumentalizavam a uma entrega inteiramente à causa.

É importante salientar que a cultura comunista sofreu influência direta do modelo soviético bolchevista e em relação a definição de sua moral, o PCB não fugiu a regra. Lênin e Stalin desde o início da Revolução se preocuparam com a questão da moral e da educação, principalmente em relação aos jovens. Para Lênin era necessário que toda a tarefa relacionada a educação, formação e aprendizagem da juventude, se concentrasse de acordo com os princípios estabelecidos pela moral comunista.<sup>24</sup>

A moral ou ética comunista para Nicolai Ivanovich Boldyriev, se configurava no conjunto de normas e regras que determinavam a conduta dos homens construtores do comunismo e o militante para ser um “homem moral”, deveria empregar todas as forças e energias na causa da luta pela sociedade comunista.<sup>25</sup>

Enquanto um fator inestimável da superestrutura, a moral altera-se vagarosamente em relação ao restante das demais transformações sociais. Sobre sua formação e desenvolvimento, o direito, a filosofia, a arte e a religião, outras áreas do “saber”, exercem forte influência. Em outras palavras, quando se trata de uma sociedade de classes, a moral formada tem caráter de classe, dessa forma:

(...) toda teoria da moral foi até hoje, no final das contas, um produto de determinada condição econômica da sociedade. E uma vez que até agora a sociedade se desenvolveu dentre das contradições de classe, então a moral tem sido sempre uma moral de classe (...).<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> LÊNIN, V. ap. BOLDYRIEV, Nicolai Ivanovich. *A formação da Moral Comunista*. Folheto editado em Moscou em 1954, pela Sociedade de Divulgação dos Conhecimentos Políticos e Científicos da URSS. Disponível em: [www.pcrbrasil.org](http://www.pcrbrasil.org). Acesso em 02 ago. 2016. p. 01.

<sup>25</sup> BOLDYRIEV, Nicolai Ivanovich. *A formação da Moral Comunista*. Folheto editado em Moscou em 1954, pela Sociedade de Divulgação dos Conhecimentos Políticos e Científicos da URSS. Disponível em: [www.pcrbrasil.org](http://www.pcrbrasil.org). Acesso em 02 ago. 2016. p. 9.

<sup>26</sup> ENGELS, F. ap. BOLDYRIEV, Nicolai Ivanovich. *A formação da Moral Comunista*. Folheto editado em Moscou em 1954, pela Sociedade de Divulgação dos Conhecimentos Políticos e Científicos da URSS. Disponível em: [www.pcrbrasil.org](http://www.pcrbrasil.org). Acesso em 02 ago. 2016. p. 3.

Com base nesses pressupostos, Boldyriev recorreu a Lênin para caracterizar a moral burguesa e contrapor a nova moral, ou seja, a moral comunista. De acordo com sua obra doutrinária:

A velha sociedade estava baseada no princípio seguinte: ou saqueia o teu próximo ou este saqueia a ti, ou trabalhas para outrem ou este trabalha para ti; ou és dono de escravos ou és escravo. É natural que os homens educados em tal sociedade assimilem como leite materno, por assim dizer, a psicologia, os costumes e a ideia de que não existe mais do que o amo e o escravo, o pequeno proprietário, o pequeno empregado, o pequeno funcionário intelectual, em uma palavra: homens que se ocupam exclusivamente de defender o seu sem pensar nos demais. (...) trata-se de uma psicologia e de um estado de ânimo que não podem existir em um comunista.<sup>27</sup>

Seguindo as orientações de Lênin, Boldyriev afirmou que a moral comunista originou-se entre as fileiras da classe operária já na sociedade capitalista, e para ter uma definição dos caracteres de um código moral, ressaltou a importância da dedicação sem limites à causa entre outras tarefas que deveriam ser seguidas. Dentre tais tarefas pode-se destacar:

1. A educação do amor à Pátria, ao povo. Em outras palavras: a educação do patriotismo soviético, do orgulho nacional soviético.
2. A educação do respeito aos trabalhadores de todas as nacionalidades, do respeito aos direitos e à liberdade dos povos de todos os países, a educação do internacionalismo proletário.
3. A educação do ódio e da implacabilidade em relação aos inimigos do povo, aos inimigos da paz e da democracia.
4. A educação da fidelidade aos princípios bolcheviques.
5. A educação da coragem e do destemor na luta pelo comunismo.
6. A educação do espírito de disciplina e de organização.
7. A educação de uma atitude nova, comunista, em relação ao trabalho e à propriedade social.
8. A educação do humanismo socialista, do otimismo, do entusiasmo e da alegria de viver.
9. A educação do coletivismo, da amizade e do espírito de camaradagem.
10. A educação da modéstia, da sinceridade e da honestidade.<sup>28</sup>

Estas determinações influenciaram o PCB e as discussões sobre os códigos morais, tornaram-se o centro das preocupações do Comitê Central (CC) que, em 1955, divulgou um artigo intitulado “A Moral Comunista” para as bases do partido. Ao

<sup>27</sup> LÊNIN, V. ap. BOLDYRIEV, Nicolai Ivanovich. *A formação da Moral Comunista*. Folheto editado em Moscou em 1954, pela Sociedade de Divulgação dos Conhecimentos Políticos e Científicos da URSS. p. 4.

<sup>28</sup> BOLDYRIEV, Nicolai Ivanovich. *A formação da Moral Comunista*. Folheto editado em Moscou em 1954, pela Sociedade de Divulgação dos Conhecimentos Políticos e Científicos da URSS. Disponível em: [www.pcrbrasil.org](http://www.pcrbrasil.org). Acesso em 02 ago. 2016. p. 10.



seguir este parâmetro moral, os militantes estariam comportando-se em comum acordo com a moralidade revolucionária, uma vez que “na formação de um comunista, a questão moral sobrepõe a questão intelectual”.<sup>29</sup>

Ainda sobre a questão moral, Boldyriev citou Lênin e suas considerações sobre a íntima ligação entre disciplina x moral comunista, pois “para um comunista, toda moral se encontra numa disciplina coesa e solidária e na luta consciente das massas contra os exploradores”, e ressaltou (tomando a URSS como exemplo) que a disciplina mantinha como sustentação “(...) a atitude consciente dos trabalhadores em relação as suas obrigações e a compreensão que os mesmos têm das normas e regras da conduta em vigor”, uma vez que se caracterizava “pelo fato de que os homens soviéticos cumprem os seus deveres de maneira consciente e voluntária”.<sup>30</sup>

Ao adotar um código moral rígido que impunha uma austera disciplina, o PCU impôs aos militantes uma submissão de suas tendências e anseios pessoais às necessidades e interesses sociais. E para tanto, os idealizadores da “nova moral” exploravam os exemplos de personalidades dirigentes, vislumbrados como “heróis amados pelo povo”, por agirem de acordo com as “normas e princípios da moral comunista”, ações que modelavam o modo de ser, pensar e agir comunista.

A existência de um código moral partilhado pelos comunistas, no qual segundo Motta, estabelecia normas de comportamento e um elenco de valores que o militante revolucionário deveria absorver e integrar ao seu *ethos*, refletiu também no PCB, particularmente no que se refere a questão familiar, sexual, emocional, enfim, na sua vida privada. Nesse sentido, o militante revolucionário deveria ser um humano estóico, ou seja, um militante implacável em seus princípios e virtudes, disposto aos sacrifícios que a vida clandestina dispunha, e sua missão consistia em doar a vida à causa e ao Partido. Logo, a vida privada também pertencia ao Partido, pois a família ficaria em segundo plano em relação as tarefas e deveres para com a causa revolucionária.<sup>31</sup>

Muitos artigos sobre as questões morais carregavam as páginas da imprensa partidária e contavam com a participação de vários leitores que, por sua

---

<sup>29</sup> SABARÁBUSSU, Pedro. *ap.* FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito – cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Mauad e Eduff, 2002. p. 120.

<sup>30</sup> BOLDYRIEV, Nicolai Ivanovich. *A formação da Moral Comunista*. Folheto editado em Moscou em 1954, pela Sociedade de Divulgação dos Conhecimentos Políticos e Científicos da URSS. Disponível em: [www.pcrbrasil.org](http://www.pcrbrasil.org). Acesso em 02 ago. 2016. p. 14.

<sup>31</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. In: *Revista de História*, Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, n. 1, p. 82. ISSN: 1413-3024.

vez, enviavam cartas, expressando suas dúvidas quanto a moralidade, sobretudo após as reformulações do Estatuto do Partido. Em julho de 1954, a *Voz Operária* publicou uma extensa matéria afirmando que

A moral comunista, proletária, é um conjunto de regras e normas que determinam a conduta dos militantes do Partido em sua luta pela vitória da Revolução. O comunista parte do princípio de que é a moral tudo aquilo que contribui para a destruição da atual “sociedade e a construção da nova sociedade. Seguir, portanto, os preceitos da moral comunista é, em primeiro lugar, enquadrar a nossa vida de acordo com os interesses do povo brasileiro, do Partido e da revolução.<sup>32</sup>

Embora o Estatuto apresentasse uma análise classista dos códigos morais, estabelecesse críticas a moral burguesa e estipulasse um manual de conduta para os revolucionários comunistas brasileiros, nem todos os militantes cumpriam a risca o que a moral proletária estipulava. Devido a esta “quebra de princípios”, o comportamento amoral tornava a situação do militante instável no Partido. Para investigar e avaliar as acusações contra a “honorabilidade pessoal e a conduta pública” de qualquer pecebista, foram criadas as “Comissões de Controle”, órgãos subordinados ao Comitê Central.<sup>33</sup>

Com base na análise deste Estatuto, pode-se inferir que a adesão a organização era ditada por uma entrega total, e que para os militantes não deveria existir distinção entre vida privada e pública, pois estes, deveriam ser totalmente devotados à causa revolucionária, além de seguir signos próprios que mostravam como agir e pensar sob a égide da nova moral.

## 1.2 MILITÂNCIA PECEBISTA.

A identidade do militante se constrói e se perpetua pela complexa situação de duas forças: uma, de recusa, leva-o a recusar qualquer informação que conteste a teleologia marxista; a outra, ele a extrai, por assim dizer, do ódio que desperta enquanto destruidor potencial da ordem estabelecida.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. In: *Revista de História*, Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, n. 1, p. 77. ISSN: 1413-3024.

<sup>33</sup> PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. *Estatutos do PCB*. Aprovado no IV Congresso, 1954. Disponível em: <www.pcb.org.br>. Acesso 16 abr. 2017.

<sup>34</sup> VINCENT, Gerard. Ser Comunista? Uma maneira de ser. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 446.

Sacrifício, abnegação e dedicação, entre outros atributos, eram as qualidades que os homens e as mulheres construtores do socialismo, ou seja, que o “digno comunista” deveria possuir. Além destes atributos a lealdade ao Partido e comprometimento com a luta revolucionária, se colocavam acima de quaisquer outros interesses sejam familiares, pessoais ou profissionais.

Deste modo, ao mesmo tempo em que o militante cumpria as tarefas determinadas pelo PCB, experimentava um pouco do círculo de camaradagem e de cooperação que a vida partidária e a clandestinidade ofereciam, círculo este que criava laços afetivos dentro do Partido, dificultando o seu afastamento da organização.

Contudo, o ingresso do futuro pecebista na organização, exigia que enfrentasse os “rituais de iniciação”. Nestes, teria de demonstrar atributos para merecer o título de comunista e exercer algumas atividades como “pichar muros, colar cartazes, distribuir panfletos ou realizar comícios relâmpagos, sempre em lugares de grande movimento”. Essas ações se bem sucedidas, marcavam seu “batismo” no Partido Comunista do Brasil.<sup>35</sup>

Outras características compunham o retrato do militante comunista, como o “nome de guerra” e uma linguagem própria estabelecida no grupo tais como: *ponto* – encontro marcado que atribuía certa atenção à segurança; *aparelho* – casas ou apartamentos clandestinos onde se realizavam atividades partidárias e/ou abrigar os militantes que agiam na clandestinidade; *quadros* – militantes com cargos de chefia; *bases* – pecebistas que atuavam nas células e desenvolviam todo o tipo de tarefa, entre outros códigos específicos.<sup>36</sup>

Os militantes também deveriam participar das datas comemorativas distribuídas ao longo do ano. Por meio delas, eram promovidas palestras, comícios, festas, bailes entre outras atividades, as quais expunham e discutiam a ideologia marxista, e as ações propostas pelo Partido. Segundo Cláudia Monteiro, as comemorações eram carregadas de simbologias e signos, que por vezes evocavam personagens do passado, que nada tinham de ligação com o PCB, como por exemplo, Tiradentes, mas que eram vislumbrados como símbolos de resistência e de luta política.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> FERREIRA, *op. cit.* 2002. p. 69.

<sup>36</sup> *id. ibid.* p. 70.

<sup>37</sup> MONTEIRO, Claudia. *Política entre razão e sentimentos: A militância dos comunistas no Paraná (1945-1947)*. 207 f. Tese (doutorado) – Universidade federal do Paraná, curso de Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2013. p. 57.

Porém, não bastava conquistar um nome de guerra, exercer atividades, participar das comemorações e conhecer os jargões próprios criados pelo grupo. O militante deveria apresentar um leque das virtudes para ser considerado um autêntico comunista e “firmeza, discricção, solidariedade e atualização teórica e política, eram os requisitos mais cobrados no plano individual e coletivo”.<sup>38</sup>

Via de regra não se exigia que se apegasse plenamente a cientificidade da teoria marxista-leninista, mas sim, ao conjunto de simbologias, práticas e tarefas que deveriam ser cumpridas, gerando um sentimento de pertencimento ao grupo.<sup>39</sup>

Os pecebistas deveriam conhecer os modelos exemplares a serem seguidos, representados por Stálin, Lênin e Prestes, para moldarem sua maneira de agir e a partir desses modelos, garantir a militância na organização.

De acordo com o Partido, também fazia parte das tarefas do militante participar das reuniões nas células, criticar e realizar a autocrítica, frequentar ou ministrar cursos sobre o marxismo-leninismo, confeccionar materiais de divulgação, entre outras atividades que extrapolavam o limite da vida privada e familiar.

Segundo Jorge Ferreira, Hércules Côrrea em 1953, recebeu de Diógenes Arruda Câmara, dirigente do PCB, instruções para viajar ao exterior por sessenta dias, sem saber o destino de sua viagem, qual tarefa realizaria e o que faria com sua família. A inquietação junto a sua companheira era grande, no entanto, Arruda Câmara garantiu que o Partido se encarregaria das despesas da mulher e do pequeno filho que completava um ano e dez meses. Somente quando o navio zarpou que Hércules e outros companheiros, souberam que estavam viajando para a URSS. Ao chegarem em Moscou, os militantes foram informados pela delegação brasileira, que deveriam realizar um curso sobre marxismo-leninismo por dois anos. Os enviados protestaram, no entanto, sem resultado. Estes militantes foram informados que poderiam enviar cartas às famílias a cada seis meses sem, portanto, informar onde se encontravam. Ao término do curso, Hércules voltou para casa e foi confundido com um ladrão pelo seu filho. Revoltado, percebeu que o Partido não havia ajudado sua família que passou por muitas dificuldades. Além disso, a organização não forneceu qualquer informação sobre a sua viagem à sua esposa e diante de todos

---

<sup>38</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 73.

<sup>39</sup> MONTEIRO, Claudia. *Política entre razão e sentimentos: A militância dos comunistas no Paraná (1945-1947)*. 207 f. Tese (doutorado) – Universidade federal do Paraná, curso de Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2013. p. 58.

estes acontecimentos, a sua vida conjugal terminou com a separação do casal. Sobre esta experiência o militante relatou:

É mesmo o caso de se perguntar por que eu, e outros, aceitamos ser tratados daquela maneira. Por que não deixei o Partido antes? Como pudemos – por incrível que pareça – concordar sobre a justeza – no máximo, criticando o que chamávamos de alguns exageros – daquela forma de agir e, mesmo, reproduzi-la quer dizer, agir da mesma forma, ocasionalmente, em relação a outros companheiros?<sup>40</sup>

A conformidade de Hércules e de outros *companheiros*, está intimamente ligada a um imaginário que associava as imagens de sacrifício pessoal, sofrimento, privação e renúncia, entre as qualidades mais elevadas da militância.

Estes homens e mulheres aprendiam e entendiam que o verdadeiro sofrimento, vinha daqueles que desconheciam as origens de suas amarguras, e “infeliz era o operário alienado que desconhecia as razões de sua miséria, sacrificado era o camponês que nascia e morria faminto acreditando na vontade de Deus, sofrido era o pequeno burguês em sua vã corrida para alcançar os capitalistas”.<sup>41</sup> Em outras palavras, para um autêntico revolucionário, o sofrimento era um sentimento incômodo apenas para as pessoas que desconheciam os fatores centrais que as levavam a dor, e não para eles que devotavam sua vida à uma causa.

De acordo com Claudia Monteiro, as experiências da militância e o engajamento que propunha certas gratificações ao militante, geravam uma forte identidade social pela proximidade dos membros do grupo, além de explicar os motivos de os pecebistas não deixarem o Partido, mesmo sobrecarregados de atividades.<sup>42</sup>

As tarefas da vida partidária e a repressão ao Partido exigiam muito do militante que, por muitas vezes, era obrigado a viver clandestinamente, nos aparelhos, organizados pelo CC. Porém, cabe ressaltar que, diferentemente das células, os aparelhos abrigavam os quadros profissionais, ou seja, os revolucionários que viviam somente do Partido e para ele.

<sup>40</sup> CÔRREA, H. *ap.* FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 79.

<sup>41</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 117.

<sup>42</sup> MONTEIRO, Claudia. *Política entre razão e sentimentos: A militância dos comunistas no Paraná (1945-1947)*. 207 f. Tese (doutorado) – Universidade federal do Paraná, curso de Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2013. p. 16.

A organização de um aparelho passava por muitas regras de segurança: o primeiro passo consistia em escolher um casal, não propriamente casado, que atuaria em tal papel, como o exemplo de Maria do Carmo ao relatar em suas memórias que o motorista e militante José das Neves, foi para todos os efeitos o seu marido durante o período em que ficou responsável pelo aparelho clandestino em Jabaquara – SP.<sup>43</sup> Ademais, os escolhidos para trabalhar nos aparelhos deviam deixar seus familiares, para dedicarem-se exclusivamente a atividade clandestina.

O segundo passo consistia em procurar um bairro o qual fossem desconhecidos e alugar uma casa, observando certos critérios, como por exemplo: rua sem fábricas, delegacias de polícia e muito tráfego; porém não deveria ser em local muito afastado; se possível uma casa sem vizinhos à frente e com transportes públicos fartos. Outra orientação recebida era a de observar os vizinhos e seus hábitos antes de alugar o imóvel.<sup>44</sup>

O aparelho deveria ter uma sala de frente para a rua, mobília bem distribuída, adereços e cortinas para não chamar a atenção. Rádios ou vitrolas eram necessários para camuflar o barulho das máquinas tipográficas. A convivência com os vizinhos deveria ser cordial e não envolver assuntos sobre política. Ao conquistar a confiança dos vizinhos, as mulheres deveriam relatar que seus esposos se encontravam afastados do trabalho devido a alguma doença, e por fim, evitar não se contradizer para não levantar suspeitas.<sup>45</sup>

Maria Prestes, ao relatar sobre suas atividades nos aparelhos, comentou que para manter a fachada de um enredo familiar normal, desenvolvia um bom relacionamento com os vizinhos. Tanto que certa vez, um dono de armazém próximo do aparelho, começou a fazer várias perguntas sobre seus filhos e insistiu para que comprasse coca-cola porque todas as crianças da redondeza adoravam.<sup>46</sup> Contudo, a militante não poderia adquirir um símbolo do imperialismo americano, pois “o Velho já tinha dito que nenhuma garrafa desse refrigerante americano passaria pela porta (...) Para Prestes, através da coca-cola, o imperialismo estava reforçando sua ideologia”.<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 30.

<sup>44</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 96.

<sup>45</sup> *id. ibid.*, p. 96-97.

<sup>46</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 79.

<sup>47</sup> *id. ibid.*, p. 79.

Para desempenharem as tarefas nestes aparelhos clandestinos, os militantes eram submetidos a uma disciplina militar, recebiam um salário para ajuda de custo, ganhavam roupas e sapatos de simpatizantes e deveriam estar cientes de que atuavam na organização “desconhecendo feriados e finais de semana, prontos para viajar a qualquer momento, sem direito de recusar tarefas”.<sup>48</sup>

Era comum um dirigente de alto escalão ocupar um aparelho e o Partido indicar militantes das bases para organizá-lo, conforme relatou Maria Prestes:

Já fazia uma semana que eu tinha sido indicada como responsável pelo aparelho do Partido no bairro de Jabaquara, em São Paulo. Ainda estava nos últimos ajustes. Comprando móveis e o material para a cozinha. Quando me informaram que finalmente o dirigente do qual eu iria garantir a segurança chegaria, pediram que eu fizesse uma faxina definitiva na casa.<sup>49</sup>

Altamira Rodrigues Sobral, codinome Maria do Carmo, hoje conhecida por Maria Prestes foi designada para atender no aparelho que abrigaria Luiz Carlos Prestes. Para tanto, a jovem militante abriu mão da convivência com seus familiares e passou por um treinamento para garantir a segurança do então Secretário Geral do Partido. A pecebista ficou cerca de dez anos “sem ver a família, sem ter contato com ninguém” e quando apareceu, seus irmãos pensavam que havia morrido.<sup>50</sup>

Por mais que fosse designada para os trabalhos domésticos, Maria do Carmo, como os demais militantes sem qualificação profissional, não se sentia diminuída e aceitando-os, procurava cumpri-los com dedicação, devido a convicção de que trabalhava em prol da causa revolucionária.

Em meio tantas tarefas partidárias, cabe ressaltar que o Partido preocupava-se também, com o “baixo nível ideológico” do proletariado brasileiro e com o despreparo político dos militantes. Como recurso, eram sistematizadas e orientadas as leituras em formas de cursos, em escolas subordinadas aos Comitês Regionais. Estas escolas foram organizadas com o objetivo de ensinar a teoria marxista para aplicá-la à realidade brasileira, além de almejar a formação do caráter do indivíduo pelo estudo e pelo trabalho. Para participar desta capacitação, o militante escolhido era vendado e conduzido à escola, onde permaneceria enclausurado até o término dos estudos. Durante o curso, era obrigado a cumprir o planejamento e o estudo era

<sup>48</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 97.

<sup>49</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 30.

<sup>50</sup> PRESTES, Maria. Companheira Prestes. *Revista de História (RHBN)*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 76, jan. 2012. Entrevista. ISSN 1808-4001.

individual, com nove horas diárias de aula, sendo esta rotina mantida rigorosamente. As leituras giravam em torno dos manuais de “filosofia marxista e economia política, o manifesto de Marx e Engels e os textos de Lênin sobre o imperialismo e o esquerdismo”.<sup>51</sup>

As imagens femininas também foram evocadas na construção da identidade comunista e versavam sobre as virtudes no papel de mães, trabalhadoras, companheiras ou militantes. No PCB, tais imagens se apresentavam principalmente por meio dos “modelos exemplares” de Leocádia Prestes e Olga Benário – mãe e companheira de Prestes – e as qualidades como honestidade, abnegação e sacrifício elevavam-se para construir a narrativa de vida destas mulheres. E compartilhando das considerações de Jorge Ferreira, importa aqui mencionar que se nos dias atuais, o modelo exemplar feminino proposto pelo PCB, parece conservador, ressalta-se que o Partido incentivava a participação da mulher na luta política, como também buscava libertá-la da opressão social, mesmo que na prática a teoria não fosse aplicada.<sup>52</sup> Em outras palavras, embora defendesse uma maior autonomia à mulher, não excluía a hierarquia entre os sexos e ao mesmo tempo que elevava o papel feminino, o subordinava ao masculino reproduzindo assim, os mesmos mecanismos da sociedade burguesa que tanto denunciava.

No entanto, os pecebistas incluíram a questão da luta feminina e a participação política das mulheres no discurso da esquerda brasileira e na política do país, mesmo não abandonando uma construção histórica/cultural baseada na divisão sexual do trabalho e concepção patriarcal da sociedade estabelecendo, como já citado, uma relação de domínio do homem sobre a mulher. Devido a isto, as diferenças de gênero no interior da organização, foram construídas culturalmente, naturalizando formas desiguais de poder.<sup>53</sup>

No jornal a *Voz Operária* muitas publicações enunciavam que as militantes mostravam-se “dignas da confiança de seus companheiros”<sup>54</sup>, porém pôde-se perceber que os homens não precisavam provar se eram ou não de confiança, pois este atributo fazia parte do leque de virtudes do verdadeiro bolchevista.

---

<sup>51</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 109.

<sup>52</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 130.

<sup>53</sup> FERREIRA, Alane; LINS, Marcelo. As questões de gênero no interior do Partido Comunista do Brasil – PCB (1928-1947). In: *Temporalidades*. v. 7. n. 2. mai/ago. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015. p. 178.

<sup>54</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 132.



O mecanismo de submissão torná-se mais aparente em relação às militantes sem qualificação profissional, família ou companheiro, e para maioria destas mulheres eram reservadas as atividades domésticas nos aparelhos. Estas, por vezes, passavam por situações vexatórias, criadas pelos homens da organização, como demonstrou Maria do Carmo, quando ao intervir em solidariedade a companheira que havia sido vítima de um excesso de Diógenes Arruda Câmara, foi humilhada pelo dirigente pecebista. A companheira que cozinhava para o aparelho, relatou a militante:

(...) esqueceu que o Arruda não comia cebola. O Arruda quase virou a mesa, teve uma reação terrível. A pobre companheira em pânico ficou aos prantos. Eu disse que não era através de gritos e murros na mesa que a ordem deveria ser mantida. O Arruda ficou furioso, disse que eu estava com pretensões. Mandou eu me comportar, pois ele sim, um comunista, sabia das coisas.<sup>55</sup>

A reação de Arruda não está isenta de significados e reflete a relutância existente entre os homens do Partido no que se refere a participação das mulheres na tomada de decisões. Em uma carta destinada a Associação das Mulheres Trabalhadoras do Uruguai, as pecebistas apontaram tal rejeição, alegando que os “preconceitos são muitas vezes seguidos por nossos próprios companheiros que não permitem a intromissão das companheiras e das filhas na luta pela emancipação proletária”,<sup>56</sup> demonstrando novamente a desigualdade existente entre os homens e as mulheres do Partido Comunista do Brasil.

De acordo com a análise de Mirian Goldenberg sobre a “invisibilidade feminina” na política, pode-se inferir que as pecebistas ocuparam posições consideradas “secundárias” ou “subalternas” no Partido, e por muito tempo, foram retratadas pela historiografia como a “mulher”, “companheira” ou “filha” de renomados militantes.<sup>57</sup> Essa afirmação pode ser corroborada por meio dos depoimentos dessas militantes, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1950,

<sup>55</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 75.

<sup>56</sup> FERREIRA, Alane; LINS, Marcelo. As questões de gênero no interior do Partido Comunista do Brasil – PCB (1928-1947). In: *Temporalidades*. v. 7. n. 2. mai/ago. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015. p. 180.

<sup>57</sup> GOLDENBERG, Miriam. Mulheres & Militância Política de Esquerda no Brasil: uma história não contada. In: 20ª Reunião Anual da ANPED, GT11, 1997. *Educação crise e mudança: tensões entre a pesquisa e política*. Anais... Caxambu – MG. n.p. Disponível em: <www.anpocs.com>. Acesso em: 25 out. 2016.

período em que os códigos morais comunistas estavam no calor das discussões no interior da organização.

A entrega à causa revolucionária possibilitou ao PCB controlar a vida privada dos militantes e a tênue linha entre o cotidiano familiar e a militância, permitia a esses homens e mulheres vivenciarem a organização como uma grande família.

Maria do Carmo narrou a reação de seu pai quando o comunicou que iria se casar, afirmando que a princípio ele mostrou-se indignado dado a pouca idade. No entanto, após saber que o jovem também era comunista, demonstrou entusiasmo pela união da filha.<sup>58</sup>

O primeiro companheiro de Maria do Carmo era jornalista e continuou a exercer suas atividades legais enquanto ela deu “continuidade a tudo que já desenvolvia junto ao movimento de massas”, pois para o jovem casal, a união consistia em juntar suas “vidas num projeto único de trabalhar como quadros profissionais para o PCB”.<sup>59</sup>

Eram frequentes os casamentos entre militantes e de acordo com seus códigos morais, o adultério era condenado e o divórcio aceitável somente quando um dos cônjuges não fosse comunista, pois nesse caso a vida conjugal seria impossível.

A vida familiar era totalmente subordinada às exigências da militância e a dedicação ao trabalho para o Partido impossibilitava que um cônjuge não comunista convivesse com militantes engajados. Amor verdadeiro e legítimo somente poderia ser dedicado ao Partido e à classe que dizia representar e muitos casos de jovens militantes que se envolviam afetivamente eram rechaçados pela organização, afinal os valores morais geravam um sentimento de pertencimento a uma coletividade na qual seus integrantes deveriam dedicar-se sem limites e as mulheres do PCB não fugiram a esta regra, pois mesmo enfrentando os obstáculos – internos e externos - participaram significativamente da luta revolucionária, e introjetaram a imagem de que eram feitas de uma “têmpera especial”.

---

<sup>58</sup> PRESTES, *op.cit.*, p. 56.

<sup>59</sup> *id. ibid.*, p. 56.

## 2. CAPÍTULO

### 2.1 MILITÂNCIA FEMININA.

Em 15 de julho de 1935, um grupo de jovens se reunia na sede do Sindicato dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, com o objetivo de organizar o primeiro Congresso da Juventude Estudantil. O cenário político estava dividido e, se por um lado as ideias fascistas conquistaram terreno a partir das propostas divulgadas pela Ação Integralista Brasileira (AIB)<sup>60</sup>, por outro lado diversos membros de muitos partidos políticos e movimentos sociais se aliaram a Aliança Nacional Libertadora (ANL)<sup>61</sup>, que três dias antes do Congresso foi colocada na ilegalidade. A extinção rápida da ANL, serviu de álibi para que o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) invadisse o Congresso e prendesse todos os participantes.

Entre os prisioneiros, encontrava-se Genny Gleiser,<sup>62</sup> jovem de 17 anos, judia estrangeira e militante do PCB. Genny nascera na Romênia e imigrou para o Brasil em 1933 para morar com seu pai Motel Gleiser. Em 1935 foi morar sozinha em São Paulo para trabalhar, quando se envolveu com a Juventude Comunista. Logo após a prisão, o quarto onde morava foi revistado e segundo a polícia política, um vasto material de propaganda do Partido Comunista foi encontrado. Devido a esta “subversão”, permaneceu alguns dias incomunicável e depois foi transferida para o Presídio do Paraíso. Quando seu pai e amigos procuravam informações sobre a jovem, nada conseguiam, e sua apreensão aumentava uma vez que os demais colegas presos, já estavam em liberdade.

Nos próximos dias a frase “Onde está Genny?” estampava os jornais comunistas e a família temia pelo pior. Para confundir advogados, amigos e a imprensa, os agentes do DOPS negavam que a militante estivesse presa e com

---

<sup>60</sup> AIB – Organização política brasileira fundada por Plínio Salgado em 1932, tendo por espelho o fascismo italiano. Tendo como objetivos: defender o nacionalismo, e o corporativismo como forma de organização do Estado e da sociedade e, negação total ao socialismo. < In: Aliança Nacional Libertadora (ANL). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc>> Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>61</sup> ANL – Organização política fundada oficialmente em 12 de março de 1935. Constituída com intuito de formar uma frente ampla, onde reuniram-se representantes de diversos grupos políticos: socialistas, comunistas, católicos e democratas, também de diferentes setores sociais: proletários, intelectuais, profissionais liberais e militares. O objetivo era lutar contra o fascismo, imperialismo, o latifúndio e a miséria. Foi colocada na ilegalidade em 11 de julho de 1935, atuando na clandestinidade até os levantes comunistas em novembro de 1935. < Aliança Nacional Libertadora (ANL). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc>> Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>62</sup> Relato baseado no trabalho de ARRUDA, Claudia Maria Valmon. Memórias num bordado: traços de Genny Gleizer no arquivo público do Estado do Rio de Janeiro. In: *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v.23, n.1, jan./jun. 2010. No prelo. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br>> Acesso em: 17 jun. 2017.

frequência a transferiam de presídios. Porém, um jornalista conseguiu levantar dados sobre o paradeiro de Genny e divulgou a informação na grande imprensa. O caso ganhou notoriedade, mas as transferências continuaram, para que a defesa da militante perdesse o prazo do pedido de *Habeas Corpus*.

Com a pressão para a solução do caso de Genny, o DOPS confirmou os fatos alegando que sobre a militante de dezessete anos pesava a acusação de agitação política precoce e notável conhecimento sobre marxismo, que somados aos documentos encontrados em seu quarto, confirmavam um plano de se infiltrar nos meios trabalhistas e estudantis a fim de fazer a “revolução comunista”.

A notícia da deportação de Genny disseminou-se no interior do PCB que se mobilizou em favor da jovem militante, conduzindo o Comitê Regional a divulgar a seguinte nota: “Cabe a nós, Partido Comunista, dar o máximo de atenção ao caso Genny, pois devemos ser a vanguarda da luta pela democracia e Genny encarna neste momento o símbolo desta luta”.<sup>63</sup>

Porém, a organização desconhecia que o decreto de expulsão já estava assinado e frente a tal ação do governo, várias ondas de protestos ocorreram no país, incentivadas tanto pelo PCB, quanto pelos mais variados setores da sociedade. Muitos jovens se ofereceram para contrair matrimônio com a militante no intuito de anular o decreto, porém sem sucesso, pois Genny foi deportada. No entanto, nem o governo federal e nem a polícia política contava com a complacência ao sofrimento de Genny,<sup>64</sup> por parte da tripulação do navio, que a liberou assim que aportou na Europa.

O relato sobre a trajetória de Genny demonstra que a participação das mulheres no PCB foi significativa. Para Betzaida Tavares, “a construção que o discurso de um determinado partido elabora em torno do masculino e do feminino diz muito do caráter do poder que ele pretende instituir”. O PCB, por sua vez, abriu discussões sobre a participação das mulheres e incentivou ações para que isso

---

<sup>63</sup> *ap.* O caso de Genny Gleiser: a garota judia e comunista deportada por Vargas. In: *Portal Vermelho*. Disponível em: <[www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)>. Acesso em: 20 mai. 2017.

<sup>64</sup> Cabe ressaltar, que casos semelhantes a estes ocorreram a Olga Benário e Elise Berger, que por mais que não estivessem filiadas ao PCB, sofreram a violência do estado brasileiro, e foram deportadas do país por serem comunistas e judias, no entanto, ambas foram assassinadas em campos de concentração nazista.

fosse possível, no entanto, como já foi mencionado, na prática repetia os mesmos valores tradicionais sobre o papel feminino propostos pela sociedade burguesa.<sup>65</sup>

Entretanto, por mais que o PCB reproduzisse valores vigentes a estrutura social patriarcal, e inserisse as militantes em papéis secundários dentro da organização, também incentivou atividades primordiais para a inserção das mulheres no setor político brasileiro e a participação das mulheres na organização não foi passiva.

Em 1928, o BOC criou o Comitê de Mulheres Trabalhadoras, a primeira organização de massas das mulheres ligada ao PCB. Dentre seus fundadores estavam Octávio Brandão, Minervino de Oliveira, Joaquim Nepomuceno e Laura Brandão; a única representante feminina na fundação do Comitê. Entre os objetivos desta associação constavam a conquista de mais militantes, a luta pelo sufrágio feminino, a divulgação das ideias do Partido, principalmente nas portas de fábricas e oficinas. As integrantes do Comitê indicaram Maria Lopes para participar de reuniões da direção do BOC, com direito a voz e ao voto igual á todos os dirigentes na organização, avanço para o período, pois as mulheres ainda não tinham os mesmos direitos que os homens na vida política. A esse início de luta feminina pode-se destacar nomes como Isaura Casemiro Nepomuceno, Erecina Borges de Lacerda, Sylvia Carini, Margarida Pereira e Rosa Bittencourt.<sup>66</sup>

Rosa Bittencourt merece destaque, pois não era “companheira” e tampouco “filha” de um militante comunista, além de ter sido a primeira mulher a filiar-se ao PCB. Rosa militou ativamente no movimento sindical e participou de várias campanhas operárias “desde a luta por uma hora de almoço, pela jornada de oito horas, pela estabilidade de emprego e pelo direito às férias”, além das campanhas promovidas pelo BOC e Comitê das Mulheres Trabalhadoras. Em 1930, foi delegada no Congresso Mundial da Mulher na URSS, representando as militantes brasileiras.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> TAVARES, B. *ap.* FERREIRA, Alane; LINS, Marcelo. As questões de gênero no interior do Partido Comunista do Brasil – PCB (1928-1947). In: *Temporalidades*. v. 7. n. 2. mai/ago. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015. p. 178.

<sup>66</sup> BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. 199 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1995. p. 133.

<sup>67</sup> BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. 199 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1995. p. 134.

As militantes do Comitê desempenhavam seus trabalhos nas fábricas e sindicatos e organizavam as mulheres no engajamento político do PCB. Nas eleições municipais de 1928, tiveram papel de destaque em campanha partidária, embora não pudessem votar ou serem votadas, porém seu trabalho com as massas permitiu eleger Minervino de Oliveira e Octávio Brandão para intendentes municipais no Distrito Federal.

Após as eleições de 1928, foram criados os Comitês Femininos do Rio de Janeiro e de Niterói, e sua experiência foi fundamental para que a proposta pecebista se expandisse para as demais regiões do país. Algumas militantes, envolveram-se em uma campanha para criar organizações femininas nas fábricas têxteis, e reivindicaram a criação da sessão feminina da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) em 1929.<sup>68</sup>

Devido a conjuntura política do país e após, as numerosas de greves dos gráficos de São Paulo, movimento em que o Comitê das Mulheres Trabalhadoras participou ativamente, a mesma repressão policial que atingiu o BOC alcançou muitas militantes que foram agredidas e presas.

Outro exemplo interessante é o de Laura Brandão, que começou sua militância atuando nas ruas, distribuindo panfletos e manifestos nas portas das fábricas da Gávea, Vila Isabel entre outros bairros fluminenses. Laura destacou-se em várias greves operárias e no seu trabalho para algumas campanhas eleitorais. Do mesmo modo, colaborou com a criação do jornal *A Classe Operária*<sup>69</sup> e atuando como redatora informal do periódico, costumava dizer que tinha “quatro filhas, Sáttva, Vólia, Dyonisia e a *Classe Operária*”<sup>70</sup>. Foi para o exílio na URSS após a “Revolução” de 1930, onde atuou em uma rádio em Moscou, falecendo após a ocupação alemã naquele país.

Sobre a desigualdade entre homens x mulheres no interior do Partido, o caso de Erecina Borges de Lacerda, mais conhecida por Cina, merece ser mencionado, por ser a primeira mulher a ingressar no CC, após a insistência da IC, na década de

---

<sup>68</sup> BUONICORE, Augusto. As mulheres e os 90 anos de comunismo no Brasil. in: *Portal Centro de Memória Sindical*. 2012. Disponível em: <<http://memoriasindical.com.br>>. Acesso 06 de nov de 2016.

<sup>69</sup> Órgão de divulgação oficial do PCB, lançado seu primeiro número no dia 25 de maio de 1925. Na conferência de fevereiro 1925, a direção havia declarado que era a partir do jornal que iriam divulgar sua nova organização por meio das células, contribuindo para que conseguisse alcançar a classe trabalhadora, os periódicos eram vendidos nas portas das fábricas.

<sup>70</sup> BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. 199 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1995. p. 117.

1930. Lêoncio Basbaum, outro dirigente do Partido, foi contra a nomeação de Cina, alegando que a mesma era muito nova na organização para uma responsabilidade daquele porte. Cina foi então designada para um cargo técnico; no qual deveria realizar a correspondência tanto nacional quanto internacional e manter contato com os Comitês Regionais, além de cuidar dos arquivos da organização, sendo privada de qualquer participação política, embora nas votações no CC, alegasse que por ser proletária tinha o direito ao voto. Em certa ocasião em que pôde se manifestar, perdeu a votação e segundo Basbaum caiu em prantos o que o conduziu a pronunciar aos camaradas que tal atitude “não é comunismo, é mulherismo!”<sup>71</sup>.

Os exemplos de Laura e Cina revelam como eram tratadas as questões da disputa de poder nos bastidores da organização, apontando que enquanto militantes, as mulheres enfrentavam muitas dificuldades para serem ouvidas pelos homens, que consideravam normal serem seus porta-vozes.<sup>72</sup> Cabe aqui destacar, que neste período o PCB passou pela fase de “obreirização”, que como já mencionado, teve por resolução a troca de intelectuais por operários na direção do Partido. Foi nesse cenário que a militante Eneida de Moraes, abriu mão de sua vida cotidiana e aderiu à organização. Após passar pelos “rituais de iniciação” e participar de várias reuniões, Eneida agora, apta para prestar serviço à “revolução”, ingressou oficialmente nas fileiras da organização em 1932.

Atuando em um aparelho no Braz (SP), a militante tornou-se a responsável pela recepção e distribuição da correspondência do Partido, além da redação e divulgação de jornais e panfletos volantes. Foi presa pela polícia política sob a seguinte acusação:

(...) conhecida agitadora comunista, possuía em sua residência um custoso mimeógrafo adquirido pelo “Socorro Vermelho Internacional” e a ela entregue para confecções de boletins de propaganda subversiva – comunista. Ali foram encontrados centenas de boletins, já empacotados prontos para expedição, e muita correspondência do Partido Comunista.<sup>73</sup>

<sup>71</sup> BUONICORE, Augusto. As mulheres e os 90 anos de comunismo no Brasil. in: *Portal Centro de Memória Sindical*. 2012. Disponível em: <<http://memoriasindical.com.br>>. Acesso 06 de nov de 2016. p. 6.

<sup>72</sup> PERROT, M. ap. BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. 199 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1995. p. 13.

<sup>73</sup> Trecho do documento do DOPS ap. SANTOS, Eunice Ferreira. *Eneida de Moraes: Tons e semitons do Exílio*. Universidade Federal do Pará. *n.l. n.d.* p. 2. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br>> Acesso em: 10 jan. 2017. No prelo.

A *conhecida agitadora comunista* foi torturada e permaneceu nas celas do DOPS durante quinze dias, para depois ser transferida para outro presídio, onde permaneceu por cerca de três meses. Os anos seguintes de sua militância foram carregados de privações, no entanto, permaneceu na “ativa” dentro da organização, ou seja, participando de comícios, Congressos da Comissão Política e Popular de Inquérito (CPPI)<sup>74</sup> e do simbólico julgamento de Plínio Salgado, líder integralista.

A luta contra o fascismo e as medidas do VII Congresso da IC, propiciaram o surgimento das frentes populares e neste momento outra organização feminina ganhou destaque: a União Feminina do Brasil (UFB), promovida por mulheres simpatizantes ou oriundas do PCB, engajadas junto a ANL, e portanto alvo dos discursos anticomunistas.

Com o Partido Comunista do Brasil agindo na clandestinidade, Eneida engajou-se nas ações da UFB, atuando na redação de material de propaganda. Entretanto, com a extinção da ANL foi novamente aprisionada em janeiro de 1936.

A experiência destas mulheres mostra que elas estiveram presentes nas ações do PCB desde sua formação até a legalidade em meados dos anos 1940. No entanto, não se registrou a participação feminina no Congresso de reorganização do Partido em 1943, e por consequência, nas eleições para o Comitê Central, fato que se configura contraditório para uma organização que se colocava como a vanguarda revolucionária.

Em 1945, o PCB contava com cerca de três mil militantes, e após um ano, chegou ao seu auge, passando a contar com aproximadamente 200 mil filiados, dentre estes muitas mulheres. Esse fato se deve tanto pelo prestígio que a imagem de Luiz Carlos Prestes trazia para a organização como seu Secretário Geral, como também pelo papel da URSS na luta contra o nazi-fascismo no conflito mundial.

Nas eleições de 1946, a organização obteve resultados positivos, porém nenhuma mulher foi eleita para o Congresso Nacional. No entanto, nas eleições suplementares de janeiro de 1947 as pecebistas tiveram algumas vitórias significativas, como por exemplo, Adalgisa Cavalcante, que se tornou a primeira deputada estadual de Pernambuco e como uma *digna comunista* ajudou na formação de várias organizações femininas como o Comitê de Mulheres pela

---

<sup>74</sup> CPPI- Movimento contra os crimes da reação fascista, representados pelo AIB.



Democracia, a União de Mulheres, a Associação de Mulheres e a Liga feminina em seu estado, além de participar ativamente das *Campanhas pela Paz* e *O Petróleo é Nosso*. Foi presa diversas vezes, após o PCB ter seu registro cassado em 1947.<sup>75</sup>

Nesse período, os quadros internacionais começaram a se modificar devido ao enredo da Guerra Fria e no Brasil, o então presidente Eurico Gaspar Dutra, alinhado aos EUA, cortou relações diplomáticas com a URSS e determinou que todos os parlamentares do PCB fossem cassados.

Esta ação conduziu o PCB a publicar em 1950 o *Manifesto de Agosto*,<sup>76</sup> marcado pelo sectarismo e subjetivismo que conduziu a organização a se afastar de vários movimentos sociais. Neste cenário político destacaram-se as militantes Zélia Magalhães – assassinada em um comício organizado pelo PCB; Angelina Gonçalves também assassinada pela repressão policial em uma ação nas comemorações do dia primeiro de maio, e, Elisa Branco, que em pleno desfile de militares no Vale de Anhagabaú, no dia de comemoração pela Independência, abriu uma faixa, onde se lia: “Os soldados, nossos filhos não irão para a Coréia”.<sup>77</sup> A ação foi recebida com muitos aplausos pelos presentes, contudo, a polícia política repreendeu a manifestação e prendeu a militante.

Elisa foi condenada a quatro anos de prisão, revoltando muitos grupos que compartilhavam o mesmo sentimento que a pecebista e haviam admirado o *heroísmo* da militante. Na imprensa partidária, a história da militante preenchia as reportagens e, serviu como âncora para várias manifestações em prol das Campanhas pela Paz, a carestia de vida e pela anistia a prisioneiros políticos expondo seu exemplo como um modelo a ser seguido.

---

<sup>75</sup> Em 7 de Maio de 1947, o TSE julgou proveniente as acusações que versavam desde 1945 sob o PCB: Irregularidades nos Estatutos, acusava-os de ser um partido estrangeiro, tendo por prova o nome da organização que se intitulava “Partido Comunista do Brasil”. Em 10 de Maio determinou-se o encerramento das atividades do PCB. Versando a repressão sobre as células e outros locais de trabalho da organização. A política do Rio de Janeiro fechou mais de seiscentas células, em São Paulo trezentos e sessenta células, vinte e dois núcleos distritais e 102 comitês. < Partido Comunista do Brasil (PCB). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>> Acesso em: 20 jan. 2017.

<sup>76</sup> Neste manifesto constava: o confisco e a nacionalização de todos os bancos e empresas industriais, também de grandes propriedades latifundiárias, devendo ser entregue aos camponeses. Pretendia defender um governo democrático; a paz; libertação do país do imperialismo. Desenvolvimento independente da economia nacional; melhorias de vida para os trabalhadores, entre outras.

<sup>77</sup> Relato sobre Elisa Branco baseado no trabalho de LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Mulheres e o imaginário comunista* (Uma nova história; uma história nova) 1945 – 1956. 159 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Curitiba, 2003.

Como já mencionado, após a publicação do *Manifesto de Agosto*, o PCB perdeu muito em contingente de filiados devido seu caráter sectário e subjetivista, além de provocar atritos com diversas organizações. Com intuito de recuperar o poderio de massas que havia conquistado anteriormente, o Partido investiu nos modelos exemplares a serem seguidos, exaltando a abnegação de militantes em prol das *campanhas pela paz*, incitadas por Stálin.

Militantes comunistas de vários países passaram a coletar assinaturas pela paz dado a Guerra da Coréia, e os abaixo-assinados eram encaminhados aos governos, parlamentos, a ONU entre outras organizações.

Os militantes brasileiros, por sua vez, fundaram vários *Comitês pela Paz*, para recolher assinaturas. Para um melhor desempenho nesta tarefa, o Partido dividiu o país em seis grupos e de acordo com o índice demográfico foram estipuladas aos Comitês as cotas de assinaturas. Os prêmios variavam desde “a escolha de um representante para os Congressos da Paz, (...) a cifra de dez mil cruzeiros, a indicação de candidatos a prêmios internacionais ou medalhas de ouro com a esfinge de Luís Carlos Prestes, *o porta estandarte da paz*”.<sup>78</sup>

As pecebistas nestas campanhas eram tidas pela imprensa comunista como as mais entusiastas na luta. As militantes elaboravam petições, documentos, realizavam comícios e passeatas mesmo com a repressão e o discurso anticomunista, que ligavam as campanhas pela paz como defesa ao governo soviético.<sup>79</sup>

Elisa Branco foi premiada na URSS por sua atuação como combatente pela paz, e sua indicação significou um reconhecimento da militância feminina, de sua abnegação pela causa, transformando-se em estímulo para as demais militantes brasileiras.

Os exemplos femininos acima citados indicam que o campo político é como um campo de jogo, que possui diferentes atores; que por sua vez apresentam diferentes capitais culturais, ambos disputando posições em jogo.<sup>80</sup> Ciente desta

<sup>78</sup> LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Mulheres e o imaginário comunista* (Uma nova história; uma história nova) 1945 – 1956. 159 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Curitiba, 2003. p 99.

<sup>79</sup> LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Mulheres e o imaginário comunista* (Uma nova história; uma história nova) 1945 – 1956. 159 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Curitiba, 2003. p 99.

<sup>80</sup> GOLDENBERG, Miriam. Mulheres & Militância Política de Esquerda no Brasil: uma história não contada. In: 20ª Reunião Anual da ANPED, GT11, 1997. *Educação crise e mudança: tensões entre a pesquisa e política*. Anais... Caxambu – MG. n.p. Disponível em: <www.anpocs.com>. Acesso em: 25 out. 2016.

colocação pode-se inferir que as posições ocupadas pelas mulheres ao ingressar na organização, estavam motivadas pelo capital cultural que dispunham. Maria do Carmo, por exemplo, ao mencionar sobre a atividade a que foi designada em sua juventude, comentou que passou dias comprando móveis e materiais para a cozinha e

quando me informaram que finalmente o dirigente do qual eu iria garantir a segurança chegaria, pediram que eu fizesse uma faxina definitiva na casa. Às 19:30 horas do dia 04 de dezembro de 1952 os meus dois filhos já estavam dormindo, e eu tinha acabado a lavagem da escada que dava acesso ao segundo andar.<sup>81</sup>

A compra de móveis e materiais de cozinha e a faxina que foi imposta pela organização à militante, demonstram que os papéis destinados a maioria das mulheres, principalmente nos aparelhos clandestinos, eram restritos aos afazeres domésticos no interior do PCB. Para Golderberg “as militantes deixaram de serem as “esposas-mães” tradicionais para cumprirem, dentro do Partido, as funções domésticas (de limpeza, cozinha, proteção)”. Deveriam fazer o papel de “esposas”, a fim de que os companheiros que eram perseguidos politicamente pudessem passar a imagem de cidadãos comuns, com “mulheres e filhos”, e a experiência de Maria do Carmo não fugiu a esta regra, pois suas atividades partidárias, em certo momento, se restringiram a dar proteção a Luiz Carlos Prestes, fazendo o papel de esposa do líder que se encontrava na clandestinidade.

A desigualdade de gêneros no interior do PCB não era vislumbrada como um problema para estas mulheres que lutavam para construir uma “nova” sociedade, em que todos seriam “iguais” e a justiça social prevaleceria; logo qualquer esforço ou sacrifício era válido.

Como já mencionado, devido aos códigos morais, a vida familiar de um militante era subordinada as exigências do Partido, tornando seu trabalho integral, e por estes motivos as discussões sobre as relações de gênero eram colocadas de lado em prol da causa revolucionária. O depoimento de Maria do Carmo é um exemplo desta afirmação:

Geralmente eu acordava às 6:00 horas. O café era servido todos os dias às 7:30. Enquanto os meninos ficavam brincando, eu lavava a roupa, varria a

---

<sup>81</sup> PRESTES, *op. cit.*, p 30.

casa, limpava os cômodos da poeira e preparava o almoço. Às 13:00 horas colocava os garotos para dormir, que apagavam até a hora do almoço.<sup>82</sup>

O relato de Maria do Carmo sobre seus afazeres no aparelho como *lavar a roupa, limpar os cômodos*, permite perceber que “as militantes ‘naturalizavam’ que as tarefas ‘menores’ eram obrigações das mulheres”, como se fizesse parte da natureza feminina “cuidar” das práticas domésticas, dos atributos do lar e de seus filhos. Sobre esta dedicação à causa e o reflexo no cotidiano da militância feminina, notou-se que algumas mulheres questionavam o comportamento dos companheiros que não percebiam o valor de suas atividades. Clara Charf afirmou que sempre existiu uma relativa desvalorização ao trabalho das mulheres,

(...) tanto no comportamento político como no tratamento familiar, isso era mais ou menos comum. Sempre existiram muitas companheiras, e pelas quais eu tenho muito respeito, que só davam cobertura para o marido. Eram uma espécie de protetoras do aparelho, é verdade, mas era o máximo, e graças a elas muitos companheiros se salvaram.<sup>83</sup>

Estas mulheres, é de bom tom lembrar, eram produto de seu tempo, e reproduziam de certa maneira alguns padrões do período, e por mais que criassem representações que as inseriam como superiores aquelas que seguiam a moral burguesa, elas repetiam algumas “virtudes” ditas femininas. Muitas destas militantes enfrentaram inúmeros obstáculos para participarem da luta política, sobretudo, a discriminação social, pois como afirmou Jorge Ferreira

(...) o discurso anticomunista ressaltava particularmente a falta de valores morais dos revolucionários, sugerindo a promiscuidade e licenciosidade sexual no interior do Partido. As mulheres, sobretudo, as jovens militantes, tinham que suportar as difamações acintosas sobre sua vida privada e principalmente sobre sua conduta sexual.<sup>84</sup>

Em seus estudos sobre o imaginário político comunista por meio da participação das mulheres no interior da organização, a historiadora Viviane Zeni indica que: “As características naturalmente femininas como a maternidade,

<sup>82</sup> *id. ibid.*, p 67.

<sup>83</sup> CHARF, Clara. *ap.* GOLDENBERG, Miriam. *Mulheres & Militância Política de Esquerda no Brasil: uma história não contada*. In: 20ª Reunião Anual da ANPED, GT11, 1997. *Educação crise e mudança: tensões entre a pesquisa e política*. Anais... Caxambu – MG. n.p. Disponível em: <www.anpocs.com>. Acesso em: 25 out. 2016.

<sup>84</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002. p. 70-71.

abnegação, dedicação e docilidade deveriam ser estimuladas” entre as militantes e isto ocorria para

evitar a “masculinização” das mulheres. Em outras palavras, no imaginário da época, as mulheres que se pretendiam femininas realizavam-se através do lar e, as que insistiam em se tornar independentes seguindo uma carreira profissional e, principalmente, de militância política eram rotuladas como “mulheres de mente masculinizada.”<sup>85</sup>

As posições ocupadas por homens e mulheres em uma sociedade são historicamente construídas partindo sempre da divisão sexual e social do trabalho, logo, “as diferenças de gênero, construídas culturalmente, naturalizariam as relações desiguais de poder”,<sup>86</sup> dentro da organização que se vislumbrava como a vanguarda revolucionária.

Percebe-se pela fala do militante Wilson Previde como a sociedade vislumbrava as mulheres comunistas:

Sempre nos acusaram de várias coisas. Que a mulher do comunista era a mulher de todo mundo. Mas é uma tremenda mentira, que as forças reacionárias jogaram na sociedade, para que ninguém fosse comunista, (...) e a igreja tinha grande responsabilidade nisso. A igreja propagandeava isso: “Que mulher comunista é de todo mundo.” O que nós propunhâmos era a socialização dos meios de produção, e a mulher nunca foi meio de produção, conforme eles buscavam divulgar.<sup>87</sup>

De acordo com Michael Pollak, “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Porém, uma parte da memória é herdada, que não se refere apenas a registros individuais, mais ao coletivo.<sup>88</sup> Ou seja, a memória sofre flutuações e articulações quando vai sendo moldada e expressada e quando o pecebista comentou sobre a questão feminina no Partido, e se expressou com termos como *nos acusaram* e *nós propunhâmos*, projetou (conscientemente ou não),

<sup>85</sup> LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Mulheres e o imaginário comunista* (Uma nova história; uma história nova) 1945 – 1956. 159 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Curitiba, 2003. p 68.

<sup>86</sup> FERREIRA, Alane; LINS, Marcelo. As questões de gênero no interior do Partido Comunista do Brasil – PCB (1928-1947). In: *Temporalidades*. v. 7. n. 2. mai/ago. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015. p 178.

<sup>87</sup> PREVIDE, Wilson *ap.* LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Mulheres e o imaginário comunista* (Uma nova história; uma história nova) 1945 – 1956. 159 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Curitiba, 2003. p. 69.

<sup>88</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Editora FGV, v.5, n. 10, 1992. p. 204. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>> Acesso em: 15 Jun. 2017.

em seu relato a preservação da memória coletiva do grupo ao qual pertencia, no caso o PCB.

Muitas vezes a resistência em relação às mulheres existia dentro da própria organização. Diógenes Arruda Câmara, que por alguns anos foi dirigente do PCB, frequentemente, de acordo com Maria do Carmo, usava da violência tornando em várias passagens insuportável o relacionamento com os demais militantes. Em certo episódio, em que a pecebista presenciou, o dirigente tratou mal uma militante, que havia lhe servido a refeição. Em solidariedade a companheira, Maria do Carmo tentou interferir e foi chamada de “vagabunda”. Após esse episódio, por ocasiões da militância clandestina, Arruda Câmara ficou responsável em entregar Pedro, um dos filhos de Maria do Carmo, para que Clotilde, irmã de Prestes, cuidasse do menino por um tempo, fato comum entre os militantes devido as constantes mudanças de endereços.

Ao levar o menino, Arruda informou em sua nova casa que o mesmo era órfão para vingar-se da militante que o havia desafiado, gerando consequências traumáticas à pequena criança:

(...) O Pedro dizia que tinha mãe, que queria voltar para a casa. Durante três dias não deixou que ninguém se aproximasse dele. Não permitiu trocarem sua roupa ou lavarem suas mãos e o rosto. Comia raramente, um biscoito ou um pedaço de pão que lhe davam. Deu um nó nos barbantes das botas para ninguém se aventurar a tirá-las. Resistiu como pôde. (...) <sup>89</sup>

Após expor, mesmo que brevemente, a atuação de algumas militantes, é preciso ressaltar que no imaginário do grupo comunista fazia parte dos atributos a honestidade, a abnegação e o sacrifício, atributos estes que englobavam a aura do “digno nome de comunista” e que estas mulheres, como Maria do Carmo, mesmo não ocupando cargos em “destaque”, executavam suas tarefas em qualquer ambiente para representar a organização, pois não almejavam serem iguais aos homens da organização, e sim, por meio da luta revolucionária, criar um modo para que todos os grupos sociais gozassem de plenos direitos civis, e vivessem em um regime de igualdade e solidariedade.

---

<sup>89</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 82.

## 2.2 – Maria Prestes e suas memórias.

A verdadeira história existe na medida em que a história não é uma fantasia, ela é feita a partir de fatos e processos sociais. Mas ao mesmo tempo tudo isso é objeto de uma interpretação do historiador. A história não apresenta uma verdade absoluta.  
Boris Fausto, 2002.

“*Afinal, qual é meu nome verdadeiro? Miriam, Alzira ou Eunice?*”<sup>90</sup> Essa era a pergunta que uma menina de 10 anos fazia para seu pai, após o incômodo frente as várias mudanças de endereços e de escolas (realidade frequente na vida clandestina dos pecebistas), e como resposta à menina diziam, que todos eram seus nomes dependendo do lugar onde estivessem morando. Tal menina hoje é conhecida por Maria Prestes, viúva da personalidade política que por mais tempo permaneceu na direção do PCB. Em 1992, a militante escreveu sua autobiografia, intitulada “*Meu Companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes*”,<sup>91</sup> em que narra o início da sua militância ainda jovem na Juventude Comunista (JC), seu “batismo” de adesão ao PCB e as atividades de agitação e propaganda realizadas em Recife, além dos períodos de clandestinidade e de exílio, situação a qual muitos militantes foram obrigados a vivenciar.

O livro chamou a atenção, de vários intelectuais, entre eles Dias Gomes que ao redigir a apresentação da obra, destacou que Maria Prestes apresentou em seu texto “uma intuição muito feminina e pouco comum numa disciplinada militante comunista” e continuou afirmando que a militante “(...) soube matizar sua narrativa com certo fatalismo romântico.”<sup>92</sup>

A obra de Maria Prestes por ser redigida a partir de suas memórias merece uma análise mais cuidadosa, uma vez que apresenta uma subjetividade afetiva, ou seja, a (re) construção da memória sobre os acontecimentos, devido as muitas

<sup>90</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 46.

<sup>91</sup> O livro foi publicado pela editora Rocco em 1992, no ano seguinte teve publicada uma nova edição. Conta com mais duas edições, sendo que na última também foi lançado em espanhol. Como fonte para este trabalho foi utilizado a segunda edição de 1993, é composto por 188 páginas e 22 capítulos. Possui várias fotos de momentos familiares da autora, cópias de documentos oficiais que intercalam a narrativa apresentada através de *Flash Backs* da vida da militante, portanto a narrativa não tem uma característica de escrita linear.

<sup>92</sup> DIAS, Gomes. *ap. PRESTES, op. cit.*, p. 10.

revisões possíveis da memória, que conduzem a múltiplas imagens ou interpretações.<sup>93</sup>

Identidades trocadas, mudanças de endereço, clandestinidade, situações que vivenciou desde muito pequena, quando sua mãe morreu e, uma semana após sua morte, ocorreu a prisão de seu pai. Camarada Lima como era conhecido, permaneceu preso durante dois anos, por estar ligado aos levantes do PCB em 1935.

Papai fora preso violentamente. Depois de revirarem toda a nossa casa durante a madrugada, o levaram sem dar nenhuma satisfação aos filhos. Minha irmã mais velha, a Auta, levou um tempão para descobrir seu paradeiro. Quando o localizou foi um choque, disseram a ela que o papai estava quase morto de tanta tortura. Na minha memória de menina de cinco anos guardei a imagem dele encostado num canto da sala, sujo, nojento, com feridas que sangravam.<sup>94</sup>

Durante a prisão toda a família teve que se espalhar por casas de simpatizantes do Partido. No início, Maria ficou na residência do militante Casemiro, que também estava sendo procurado pela polícia política, e por este motivo, a menina foi transferida para outra casa. Porém esta segunda experiência não lhe deixou boas lembranças

O pai da família trabalhava como motoneiro de bonde, o filho era pedreiro, e a mulher, lavadeira. Era tudo muito precário, até a roupa para trocar não tinha. Às vezes este senhor, quando chegava do trabalho, me dava algumas moedas para eu comprar na quitanda “fígado de alemão”. A imagem da Alemanha já era muito difundida naquela época, por isso o povo batizou fígado salgado e seco de fígado de soldado alemão, quer dizer, uma coisa intragável.<sup>95</sup>

A memória explicitada acima demonstra como uma experiência que causou desconforto na infância aparece em seus relatos, com a comparação entre duas casas em que esteve mesmo após anos do acontecimento. Encontra-se explicação para esse fato, no que correspondem aos lugares da memória como define Michael Pollak, são esses “lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”, ou

---

<sup>93</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de Histórias: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, STELA; NAXARA, MÁRCIA (org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

<sup>94</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 40.

<sup>95</sup> *id. ibid.*, p. 41.



seja, lugares que permaneceram muito fortes na memória da pessoa, independente da data real em que a vivência se deu, que aparecem como projeções na hora da fala.<sup>96</sup>

Em 1938, após escapar de uma transferência de presídios, Lima reagrupou os filhos e a família viajou para Fortaleza, pois naquela região eram desconhecidos. Em Maceió, Maria e seus irmãos ficaram livres “da perseguição permanente. Meu pai deixou de nos chamar a atenção, de nos proibir de correr pelas ruas livres e soltos.”<sup>97</sup>

Ao descrever sua infância, Maria Prestes buscou dar significação ao que a militância representava em relação ao seu cotidiano. Segundo Vavy Pacheco, ao descrever sobre a questão da narrativa biográfica, demonstra que a seleção dos fatos a serem transmitidos ao leitor são feitos permanentemente, selecionando o que “parece mais significativo, já é uma certa forma de interpretação, ou seja uma atribuição de sentido”.<sup>98</sup>

A adesão ao PCB era motivada por vários motivos, Giocondo Dias, em busca de uma explicação mais plausível, dizia que se chegava ao comunismo “pelo estômago, pela cabeça ou pelo coração”, procurando justificar que devido ao espírito de solidariedade para com a pobreza do próximo, a adesão ocorria pelo coração; quando o militante era motivado pela sua própria pobreza, guiava-se ao PCB pelo estômago; ou poderia ingressar pelo simples fato de não concordar com a exploração política e/ou social. Neste caso a adesão ocorria pela cabeça.<sup>99</sup>

Se para Giocondo Dias a adesão ao Partido ocorria pelo “estômago, coração e cabeça”, pode-se aqui também mencionar que havia militantes que conviviam desde muito cedo, com homens ou mulheres engajados na luta revolucionária, e esta convivência de certa maneira, influenciava na adesão ao Partido. Maria Prestes, por exemplo, desde pequena presenciou a ação de seu pai e para atender aos seus pedidos visitava, junto de seus irmãos, famílias de presos políticos para trazer informações sobre a situação que vivenciavam e ao cumprir estas tarefas,

---

<sup>96</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, jul. 1992. p. 202. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

<sup>97</sup> PRESTES, *op. cit.* p. 43.

<sup>98</sup> PACHECO, Vavy Borges. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, *op.cit.*, p. 221.

<sup>99</sup> FERREIRA, *op. cit.*, 2002, p. 61-62.

lembrou, “comecei a conhecer as palavras socialismo, comunismo, exploração e revolução”.<sup>100</sup>

Após aderir ao PCB, como já mencionado, os militantes deveriam ressignificar-se perante a sociedade e adotar a moralidade comunista. Os códigos morais chegavam até os militantes por meio dos os modelos exemplares a serem seguidos, como relatou Maria do Carmo ao indicar como seu pai lhe passava os valores comunistas:

Aos poucos ele foi nos introduzindo na história da vida do Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes, que estava preso como os pais das famílias que visitávamos. Papai nos ensinou que os cárceres no regime capitalista eram para aqueles que lutavam por melhores salários e desejavam que o operário e o camponês assumisse o poder no Brasil. Quando isso acontecesse, dizia ele, a revolução teria triunfado e seria a libertação do povo brasileiro. Para provar a veracidade de suas palavras, apontava a URSS como a pátria da justiça social. Lá não existia a exploração do homem pelo homem, a terra pertencia a quem nela trabalhava, e as fábricas estavam sob o controle dos operários.<sup>101</sup>

Embora o relato acima, indique como foram os primeiros contatos com o projeto comunista, ele não está livre de significações, pois se pode notar que o militante deveria estar pronto para exercer suas qualidades e discursos tanto no espaço público quanto no privado e pertencer à organização significava adquirir uma nova maneira de ser e de pensar repleta de sentidos e significados.

As atividades de Lima e como estas motivaram Maria do Carmo a aderir ao Partido podem ser percebidas em outros momentos de sua narrativa como, por exemplo, quando relatou sobre uma passeata que ocorreu contra a Segunda Guerra Mundial. Segundo a militante, a orientação do PCB era que os pecebistas levassem apenas retratos de Stálin, entretanto durante a manifestação apareceram retratos de Getúlio Vargas, De Gaulle, Churchill e Roosevelt, confeccionados por seu pai e por outros companheiros do Partido, demonstrando que mesmo com a orientação do CC, os militantes faziam a autocrítica como uma forma de não estreitar a frente de luta, o que no final, somou pontos positivos para as adesões ao Partido naquele período.

Em outro momento Maria destacou a composição, de uma pequena estrutura para a reprodução dos materiais impressos pelo PCB. O Camarada Lima

---

<sup>100</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 46.

<sup>101</sup> *id. ibid.*, p. 47.

consertou um mimeógrafo, que estava sob os seus cuidados desde os levantes de 1935, e como um digno comunista Lima, ciente da utilidade do mimeógrafo para a causa revolucionária, “com paciência testou peça por peça, fez as primeiras cópias até considerar que o equipamento estava em condições”.<sup>102</sup> Anos após, Giocondo Dias, em uma conversa com Maria do Carmo sobre aqueles conturbados anos, comentou que “não entendia como um homem analfabeto conseguia se esforçar tanto para consertar um mimeógrafo”.<sup>103</sup>

A primeira ação política do mimeógrafo foi imprimir panfletos enaltecendo o movimento integralista e a guerra e,

no dia do aniversário dos camisas-verdes, a cidade da Bahia, como era conhecida Salvador, viu em tudo que era ponto importante esses panfletos nas paredes e no chão. Foi muito integralista em cana. Nunca ninguém soube que foi João Rodrigues Sobral quem coordenou essa travessura.<sup>104</sup>

Ainda na Bahia, o Camarada Lima, organizou uma cooperativa agrícola, em que todos os sócios eram pecebistas ou simpatizantes e o lucro obtido destinado a manutenção da luta clandestina do Partido. Foi nesta cooperativa, que através de um aparelho radiofônico ouviu o pronunciamento sobre fim do conflito mundial. Maria do Carmo correu até seu pai, para lhe dar a notícia e a família dirigiu-se à Praça da Sé, na cidade de Salvador.

Lá estavam alguns companheiros e amigos. Essa reunião espontânea de centenas de pessoas juntou muitos comunistas que viviam escondidos. Pela primeira vez vi tremularem bandeiras vermelhas e uma multidão a gritar o nome do Partido Comunista e reivindicar a anistia dos presos e exilados políticos.<sup>105</sup>

Com o final da Segunda Grande Guerra, Maria do Carmo ingressou na organização, pois “não tinha outro caminho” e por este motivo, “segui a luta do pai.”<sup>106</sup> Na organização, participou das campanhas pela paz e pela defesa do petróleo brasileiro, dos movimentos estudantis e nos comícios distribuía panfletos, fazia pichações, além de exercer atividades no setor de AGIT-PROP. Foi presa logo no início de sua militância e alvo da violência policial.

---

<sup>102</sup> *id. ibid.*, p. 48.

<sup>103</sup> *id. ibid.*, p. 48.

<sup>104</sup> *id. ibid.*, p. 48.

<sup>105</sup> *id. ibid.*, p. 49.

<sup>106</sup> *id. ibid.*, p. 49.

Aos 13 anos, sua tarefa, junto da Juventude Comunista era de fazer a segurança em um comício, no qual Luiz Carlos Prestes sendo candidato a senador da República, iria discursar.

Eu via Prestes como um deus, uma personalidade que se tinha que cultuar. Eu o imaginava alto, forte, um gigante. Meu pai havia acabado de me presentear com o livro do Monteiro Lobato sobre os doze trabalhos de Hércules. A imagem desse herói grego se misturou com o retrato que o PCB difundia então do Cavaleiro da Esperança.<sup>107</sup>

Cabe salientar neste momento que, embora na fonte consultada, Maria do Carmo relate que este episódio tenha ocorrido quando contava com 13 anos de idade, anos mais tarde em uma entrevista à Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN) informou que a idade era de 16 anos, fato que não pode ser considerado como informação falsa, pois de acordo com Michael Pollak, as cronologias fixadas são plurais e diferenciadas, em função da vivência diferenciada das realidades.<sup>108</sup>

Objetivando descrever o líder do PCB em suas memórias, Maria prestes confirmou o *culto a personalidade* que se desenvolvia na organização, afinal era a partir de modelos exemplares que o comportamento dos militantes era moldado. Estas pessoas deveriam seguir os modelos apresentados, ler e ouvir o que o *Cavaleiro da Esperança* tinha a oferecer como forma educativa de manutenção do espírito revolucionário.

Nas eleições de 1946, a jovem militante se empenhou na campanha partidária de Luiz Carlos Prestes para senador. Nesse período conheceu os dirigentes Giocondo Dias, João Amazonas, Jorge Amado e Carlos Marighella. Além disso, junto a sua irmã Lia, auxiliou seu pai nos trabalhos que realizava na Assembleia Legislativa de Recife. Porém, após a cassação do PCB, como todo militante, Lima foi obrigado a retornar à clandestinidade.

Por ser muito visada pela polícia política em Recife, a família de Lima mudou-se para Poções no interior de Pernambuco e se hospedou na casa da avó paterna. Neste experimento de vida nos sertões, presenciou muitas discussões entre seu pai e sua avó, pois esta não compreendia a vida de militância do filho e netas.

<sup>107</sup> *id. ibid.*, p 32.

<sup>108</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, jul. 1992. p. 210. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

- É uma injustiça você ter tanta terra e os camponeses aqui em Poções não poderem criar suas plantações. Não quero fazer parte desse seu sistema de exploração – explicava o pai.
- Meu filho, quem está explorando é você, que veio para cá, pegou minhas terras e plantou esses tomates que estão rendendo dinheiro – retribuía vovó Joaquina.<sup>109</sup>

A avó Joaquina não compreendia o engajamento político de seus familiares e insistia para que Lima se fixasse em Poções. Entretanto, a família já havia devotado sua vida a causa revolucionária, e após um ano e meio retornou para Recife, onde Maria Prestes e a irmã Lia ficaram ligadas ao departamento de AGIT-PROP na Juventude Comunista (JC).

Em apoio as greves que ocorreram no país em 1949, a JC incitou uma passeata, porém os comícios foram proibidos, fato que as irmãs desconheciam, e, por este motivo foram presas em flagrante por portarem bandeiras, faixas e panfletos. As irmãs tentaram escapar fazendo uso de um ônibus, porém sem sucesso, pois a polícia política prendeu todos os suspeitos de “subversão”. Sobre esse episódio relatou, Maria do Carmo:

Cada um que caía nas mãos de soldados já ia recebendo socos e pontapés. Nos levaram imediatamente para a delegacia. Éramos várias moças e rapazes. Eles fizeram questão de humilhar as mulheres dizendo que éramos objetos que deveriam ser socializados já que gostávamos do socialismo. (...) Um policial me segurou pelo braço, me imobilizando. Um por trás, com a tesoura, começou a fazer buracos no cabelo. Gritei, esperneeiei, mordi mas não consegui impedir a agressão. Foi com um murro no meio do estômago que eles interromperam minha reação e me jogaram no chão.<sup>110</sup>

A violência policial era intensa para com os militantes e no caso das bases femininas, além dos sofrimentos físicos era a elas imputada, com uma carga maior, uma humilhação psicológica, revelada no depoimento acima quando Maria Prestes afirmou que eram comparadas a *objetos que deveriam ser socializados*, compartilhados. As violências sofridas pelas mulheres do PCB tornaram-se mais visíveis, nos depoimentos que surgiram após o Golpe Civil-Militar de 1964, não porque em períodos anteriores foram inexistentes, ou se intensificaram com as torturas do regime militar, e sim, devido as discussões sobre autonomia e liberdade feminina que começaram a efervescer no início da década de 1970.

<sup>109</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 54.

<sup>110</sup> *id. ibid.*, p. 55-56.

Como já exposto, a entrega à luta revolucionária atingiu um patamar tão extenso que o Partido passou a controlar a vida privada dos militantes. A linha tênue entre o cotidiano familiar e a militância era inexistente, levando a organização a ser apresentada e vivenciada como uma grande família<sup>111</sup>.

Foi assim, que após ser solta, conheceu Arnaldo, também militante do PCB. Os dois se uniram em um projeto de trabalho em prol da causa revolucionária. Em 1950, Maria do Carmo deu a luz a seu primeiro filho, William, nome dado em homenagem a um militante mineiro assassinado em Minas Gerais.<sup>112</sup> Após um ano, nasceu seu segundo filho e desta vez o homenageado foi o *Cavaleiro da Esperança*.

Gerard Vicent ao analisar a vida privada dos militantes do Partido Comunista Francês (PCF), teceu algumas considerações que se aplicam aos militantes brasileiros. Entre elas pode-se destacar a subordinação da vida familiar às exigências da militância, pois o trabalho na organização ocorria em tempo integral, e por esta razão, era impossível que um cônjuge não comunista ou que não seguisse totalmente os códigos morais do Partido convivesse com um/uma militante tão engajado/a, como destacou Maria do Carmo em suas memórias:

Em agosto de 51 caiu meu marido. Levei um susto quando vi seu rosto estampado na página de um dos principais jornais de Recife. A notícia era terrível, ele delatara muita gente. Não podia ser coisa da polícia. No jornal havia dados que somente nós dois sabíamos. Procurei contato com a direção regional e os camaradas confirmaram a traição. Não voltei mais para casa. Desapareci avexada.<sup>113</sup>

Ao descobrir que Arnaldo, teria “traído” o Partido, optou por fazer a autocrítica sobre sua relação e deixá-lo.

O controle que o Partido exercia sobre a vida privada do militante era elevado e o Comitê Central chegava a deliberar com quem deveriam se casar. Era proibido, relatou Maria Prestes, “falar com trotskistas, e se por acaso um comunista tivesse algum membro de comportamento duvidoso na família tinha que sair imediatamente de casa”.<sup>114</sup>

<sup>111</sup> VINCENT, Gerard. Ser Comunista? Uma maneira de ser. In: *op. cit.*, p. 442.

<sup>112</sup> William Dias Gomes, dirigente operário, filiou-se em 1945 no PCB. Uma liderança destacável entre em Morro Velho – Minas Gerais, foi assassinado em 07 de novembro de 1948 durante uma greve geral dos trabalhadores das minas, em que foi um dos organizadores. < In: Portal A Nova democracia. Disponível em: <<http://anovademocracia.com.br/no-45/1770-a-vida-de-willian-dias-gomes>> Acesso em: 05 fev. 2017.

<sup>113</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 57.

<sup>114</sup> *id. ibid.*, p. 64.

De acordo com os códigos morais adotados pela organização, a “traição” de qualquer companheiro era inaceitável, e com o intuito de não perder a credibilidade depositada pelo PCB, a jovem Maria do Carmo, escreveu uma carta a seu pai. Nesta aponta a sua indignação para com o ex-cônjuge e indica os seus futuros objetivos:

Velho

Depois de lutar anos e anos a seu lado, em campanhas que modificaram nosso país, depois de enfrentar todas as dificuldades e limitações que duramente nos machucaram, depois de ter escolhido ser igual a você em tudo, quero lhe dizer que não posso compartilhar nada com um traidor. Minha vida está a serviço da Revolução, por isso peço que encaminhe para a direção o meu desejo de receber novas tarefas que cumprirei com a dedicação que você sabe que eu tenho.

Sua filha continua sendo a mesma.

Mira.<sup>115</sup>

A carta chegou ao conhecimento do Comitê Central que por sua vez, determinou a transferência da filha de João Rodrigues Sobral para o sudeste do país. Naquela região ela era desconhecida e assim poderia exercer as tarefas do Partido nos aparelhos clandestinos de São Paulo e Rio de Janeiro. Quem deu base às decisões tomadas sobre o seu destino foram Carlos Marighella e Giocondo Dias que conheciam a companheira e alegaram, perante o CC, que sua conduta exemplar deveria ser considerada concedendo um “voto de confiança” à militante.

Importa aqui lembrar que, desde a década de 1950, as questões morais foram destacadas nos debates no interior do PCB, e portanto ocorria uma intensa cobrança entre os militantes por um comportamento exemplar. Quando estes homens e mulheres passavam a viver na clandestinidade, seus contatos familiares eram anulados, para evitar quaisquer deslizes. E foi na clandestinidade que ao ler os classificados nos jornais, Maria do Carmo, descobriu que seu pai havia falecido. “(...) Não fui ao enterro. Não sabia se a polícia tinha descoberto a identidade do senhor Lima, que morreu de aneurisma (...). Como um quadro a serviço do CC, eu estava impedida de me expor publicamente”.<sup>116</sup>

Os aparelhos, como já mencionado, eram locais que serviam de abrigo para os militantes que agiam clandestinamente. Primeiro era escolhido um casal, não propriamente casado, mas que agiria para esse papel, assim, Maria do Carmo foi

---

<sup>115</sup> *id. ibid.*, p. 58.

<sup>116</sup> *id. ibid.*, p. 60.

escolhida para ser a “esposa” do militante José das Neves, pois ambos cuidariam da segurança de Luiz Carlos Prestes, Secretário Geral do Partido.

A casa escolhida era composta no andar de baixo: por uma sala, um quarto, cozinha, banheiro e garagem e no segundo andar, por um quarto e um banheiro. A militante ficava no quarto de baixo com as crianças, José das Neves na garagem e Prestes no quarto de cima. O aparelho também tinha um espaço na parte de trás, aberto e isolado dos olhos dos vizinhos, requisito indispensável dos aparelhos clandestinos.

Em seu livro *Maria do Carmo*, relatou as dificuldades em cuidar do *líder comunista*, do descontentamento com a sua imagem em confronto com tudo o que leu e ouviu sobre o *Cavaleiro da Esperança*, pois como relatou “não havia nada de Hércules em Prestes, ao contrário, era um homem tímido, seco, amargurado”.<sup>117</sup> Pedro foi o nome adotado pelo dirigente que decidiu mudar o nome do primogênito de Maria para o mesmo codinome, para que corresse o risco de a vizinhança desconfiar da presença de mais uma pessoa na casa.<sup>118</sup>

Do aparelho, Prestes poderia sair somente de carro e os companheiros que lhe faziam a segurança traziam notícias, revistas, jornais. Devido ao convívio no aparelho, era comum a aproximação de militantes, como relatou Maria Prestes e o tempo que permaneceram no aparelho possibilitou a ela e a Pedro se familiarizarem e dividirem as tarefas. Prestes, lembrou a militante,

Começou a me ajudar nos trabalhos domésticos. Às vezes preparava salada de frutas, sucos e tortas de maçã. Certa vez, ao me ver chegar da feira, ele me disse que era mestre em descascar abacaxis. Essa tarefa eu poderia deixar a seu cargo. De fato desceu mais cedo do quarto e deu um show na cozinha.<sup>119</sup>

Como tantas outras militantes, Maria do Carmo havia largado os estudos para se dedicar a organização, no entanto, o trabalho de formação do *digno comunista* era contínuo. Sendo assim, sob orientação de Prestes, começou a ter contato com várias leituras: Alexandre Dumas, Charles Dickens, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Lima Barreto, William Shakespeare, Balzac, Fiodor Dostoievski, Máximo Gorki, entre outros. Os dias no aparelho durante os intervalos dos afazeres

---

<sup>117</sup> *id. ibid.*, p. 33.

<sup>118</sup> *id. ibid.*, p. 66.

<sup>119</sup> *id. ibid.*, p. 67.



domésticos eram preenchidos com aulas sobre economia política, marxismo, estratégia e tática da luta revolucionária, todas administradas pelo líder pecebista.

Além de cuidar da segurança do dirigente, a militante exercia a atividade de classificar os recortes de revistas e jornais para o Secretário Geral do Partido, e separar os assuntos: político do econômico, o sindical do noticiário internacional e os boletins militares.

Em uma visita de Giocondo Dias ao aparelho, Luiz Carlos Prestes, ofertou-lhes um curso de redação. A proposta consistiu em assistirem o filme *O salário do medo* e redigir a redação, ao qual Prestes daria as orientações sobre o material produzido. A ida ao cinema foi uma sensação extraordinária, afinal viver enclausurado não era fácil. A redação foi escrita, segundo Maria, com o maior cuidado “incluí no texto palavras que eu tinha acabado de descobrir em inúmeras leituras que fazia todos os dias. (...) Passei a limpo várias vezes a redação, não queria deixar erros”.<sup>120</sup>

Embora o cotidiano nos aparelhos fosse rígido, era proporcionada aos militantes a criação laços afetivos, e em um debate sobre os trabalhadores rurais do Nordeste, surgiu a proposta de casamento por parte de Luiz Carlos Prestes.

Quando decidi falar, levei um susto, não acreditei no que ouvia. Naquela época, para mim, o secretário geral do PCB era a autoridade máxima no país. Eu era simplesmente uma pessoa subordinada à estrutura partidária. Apesar de ter muito carinho pelo Velho, não imaginava ser sua mulher. Reagi contra.<sup>121</sup>

Em 1954, nasceu o primeiro filho do casal, Antônio João, uma homenagem aos avós paternos “Antônio Pereira Prestes e João Rodrigues Sobral”. Neste mesmo ano, o PCB teve seu IV Congresso, que discutiu sobre as alterações nos seus Estatutos. As novas mudanças giravam em torno do *Manifesto de Agosto* e entre as reivindicações contavam a derrubada de Café Filho (sucessor de Vargas) e a reforma agrária. As questões sobre a moral comunista foram elencadas e determinadas punições para seus infratores.

Nas eleições de 1955, o PCB apoiou a candidatura de Juscelino Kubitschek. Não havia diálogo entre o candidato e os pecebistas, no entanto, para a organização JK, era o candidato que mais se aproximava dos ideais nacionalistas e

---

<sup>120</sup> *id. ibid.*, p. 68.

<sup>121</sup> *id. ibid.*, p. 72.

desenvolvimentistas. No ano seguinte, Maria Prestes já morava em outro aparelho clandestino em Diadema. Nesse período de “semi-legalidade”, o cotidiano clandestino ficou menos rígido e seus filhos (Pedro e Paulo) começaram a questionar sobre o homem que vivia em sua casa além de seu *pai* e de sua mãe, pois as crianças reconheciam por pai o militante/motorista José das Neves. Como os meninos não poderiam continuar no mesmo aparelho que Luiz Carlos Prestes, foram levados à casa de Clotilde, irmã do *Cavaleiro da Esperança*, para ficarem sob seus cuidados.

Com XX Congresso do PCUs, começaram as grandes mudanças na estrutura do comunismo internacional. A discussão sobre o *culto a personalidade* e sobre os crimes de Stálin, descritos no relatório de Nikita Kruschev, começaram a ser debatidos no PCB no final de 1956. Surgiram então desavenças sobre a orientação e o centralismo democrático ao qual girava a direção do Partido. O debate foi encerrado em 1957, e definido a unidade do Partido, elevando as orientações do Comitê Central.

Em 1958, a prisão preventiva de Prestes que durava dez anos foi revogada e nos jornais, segundo Maria, foram publicadas reportagens sobre a liberdade do Secretário Geral e a prontidão da polícia.<sup>122</sup>

O *Cavaleiro da Esperança* poderia após aproximadamente 10 anos de intensa clandestinidade se pronunciar. Nesse ano Maria Prestes teve a oportunidade de fazer as certidões de nascimento dos filhos e Prestes reencontrou sua primogênita Anita, que havia retornado de Moscou.

Nesse período Maria Prestes procurou reestabelecer contato com seus irmãos, e após obter do CC, informações sobre sua família conseguiu chegar até seu irmão Reginaldo, que surpreso lhe disse:

- Você? Quantos anos! Todo mundo pensava que você tinha morrido.  
- Estou vivinha – lhe disse sorrindo. – Posso entrar, ou defunto vivo é proibido de atravessar a porta da sua casa?<sup>123</sup>

Reginaldo que não se envolvera na luta revolucionária, trabalhava em um ministério no Rio de Janeiro e estava distante dos outros irmãos como a pecebista. Porém, com algumas pistas Maria Prestes conseguiu chegar a Lia e descobriu que a

---

<sup>122</sup> *id. ibid.* p. 96

<sup>123</sup> *id. ibid.*, p. 100.

irmã também militava clandestinamente e que passava por muitas dificuldades e frente a esta situação, decidiu levar Lia para morar com sua família na chácara em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

Em 1959, Prestes acabou com a sua rede de aparelhos clandestinos e passou a morar junto de suas irmãs e de sua filha Anita, todavia, Maria Prestes e os outros filhos continuaram escondidos. Porém, após o líder pecebista cair de uma escada, comprometer a sua coluna e ficar acamado com um colete de metal, a militante foi levada à casa de Prestes para prestar cuidados médicos.

(...) Dessa forma inesperada, passei a ser oficialmente a mulher de Luiz Carlos Prestes. Se ele não tivesse caído, acho que esta decisão não seria tomada até o início de 1960.

- Se não fosse a coluna do Prestes, eu e os meninos ainda estávamos na chácara – brinquei com o Velho.<sup>124</sup>

Se na clandestinidade Maria Prestes enfrentou vários desafios, após casar-se com o Secretário-Geral, enfrentou vários obstáculos e críticas por parte dos membros da organização:

Queriam arrancar de mim conhecimentos das obras de Marx, Engels e Lênin, achavam um absurdo eu não ler no original Pablo Neruda ou Romain Rolland. Quantas vezes ouvi às minhas costas sussurros de mulheres surpresas com o lamentável casamento de Prestes. Afinal, eu era uma pessoa pobre, do povo, não estava à altura da luta teórica do comunismo.<sup>125</sup>

Pode-se perceber pelo relato acima que, quando a militante enfrentou a resistência dentro da organização, uma parte de si entrou em conflito com tudo o que apreendera e introjetara sobre a nova moral e ao utilizar adjetivos como *pessoa pobre, do povo*, buscou um sentido de sua imagem, para si e para os outros. Para Pollak, a “memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”, ou seja, as lembranças ao serem relatadas procuram sempre dar sentido de continuidade e de coerência da pessoa para o seu grupo, em uma constante reconstrução de si.<sup>126</sup>

---

<sup>124</sup> *id. ibid.*, p. 110.

<sup>125</sup> *id. ibid.*, p. 112.

<sup>126</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, jul. 1992. p. 204. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 17 jun. 2017.



<sup>127</sup> - Maria Prestes (à esquerda), com os filhos João, Paulo, Rosa, Zoia (no colo), Luiz Carlos Prestes com Mariana no colo, Luiz Carlos, Anita e Ermelinda.

Após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, a “má-sorte” envolveu os comunistas novamente, e a casa onde Maria Prestes e os filhos moravam, foi alvo de depredação por grupos anticomunistas que “chegaram até jogar baldes de tinta vermelha nas paredes e portas”.<sup>128</sup>

No interior do PCB as desavenças aumentavam desde as denúncias do XX Congresso do PCUs. As autocríticas e a necessidade de novas orientações, com a *Declaração de Março 1958*, documento que permitiu cisões dentro da organização, como a formação do PC do B em 1962, fundado por João Amazonas, Pedro Pomar e Maurício Grabois, que queriam recuperar a tradição revolucionária da organização.

No início de 1964, Maria Prestes viajou pela primeira vez à URSS, com a missão de fazer o papel de esposa do líder comunista brasileiro, porém o PCB desconhecia que o casal já estava comprometido e tinha gerado oito filhos. O casal viajou pela França e Inglaterra e quando chegou à URSS, Maria do Carmo sentiu-se realizada.

<sup>127</sup> Fotografia p&b, 1961. Disponível em: <<http://imagesvisions.blogspot.com.br/2015/10/luiz-carlos-prestes-e-os-filhos.html?view=classic>> Acesso em: 10 jun. 2017.

<sup>128</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 117.

Moscou era uma cidade que eu acreditava não existir na realidade. Minha infância e adolescência de militante do Partido Comunista foi cercada de lendas e mistérios a respeito da capital soviética. O Kremlin, a Praça Vermelha, o Mausoléu do Lenin, o foguete do Yuri Gagarin eram símbolos tão sagrados que ao vê-los pessoalmente me senti num conto de fadas.<sup>129</sup>

Após Prestes cumprir seus compromissos, o casal retornou ao Brasil, que em abril vivenciou o golpe-civil-militar que ampliou o enredo de perseguições a lideranças comunistas, transformando o cotidiano familiar de Maria Prestes.

Em 9 de Abril, a militante teve sua casa invadida “(...) houve um verdadeiro saque. As testemunhas diziam que os livros da biblioteca voavam do segundo andar diretamente para a carroceria do caminhão. Roubaram até aparelhos domésticos, louça, roupa de criança e móveis.”<sup>130</sup>

Nesse “saque” a casa da família Prestes, a polícia política encontrou um casaco de pele, um par de botas e um gorro, que Maria ganhou dos soviéticos em sua visita ao país. “Para eles, era um verdadeiro escândalo a mulher de Luiz Carlos Prestes possuir um casaco daquele porte”, e segundo a militante, o fato virou notícia de jornal “Vejam como os comunistas tratam suas esposas”.<sup>131</sup>

Os valores e as imagens interiorizados pelos pecebistas eram acompanhados de uma submissão e conformidade perante o modelo ideal de militância, entre esses valores o espírito de abnegação, obediência, disciplina e dedicação completa à organização era ressaltado e norteava o cotidiano de Maria do Carmo.

Em 2011, em entrevista concedida a RHBN, Maria Prestes descreveu que o mais difícil da militância clandestina era viver sob constante vigilância e estar atento a qualquer sinal de perigo; “tinha que ficar atenta pro Velho não se distrair e botar a cabeça na janela. Ele ligava muito o rádio pra escutar Moscou. Às vezes ele se entusiasmava e aumentava o volume. Eu ia lá e baixava. Se o pessoal da rua escutasse”.<sup>132</sup>

Maria Prestes viveu, por longos anos, um cotidiano repleto de privações e abnegações como uma digna comunista e ao lembrar estes momentos descreveu que a história de sua família por quarenta anos foi envolvida em uma *densa neblina*,

<sup>129</sup> *id. ibid.*, p. 18.

<sup>130</sup> *id. ibid.*, p. 26.

<sup>131</sup> *id. ibid.*, p. 26.

<sup>132</sup> PRESTES, Maria. Companheira Prestes. *Revista de História (RHBN)*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 76, jan. 2012. Entrevista. ISSN 1808-4001.

concluindo que “não foi a sorte que nos protegeu como um passe de mágica” e, continuou em sua reflexão, “no meio desse fogo centrado sobrevivemos, porque como ninguém soubemos amar a vida como ela é.”<sup>133</sup>

---

<sup>133</sup> PRESTES, *op. cit.*, p. 187.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Dizem que o exílio, por mais tranquilo, sempre tem um sabor amargo. Concordo com isto. Nada consegue substituir a nossa ligação umbilical com a natureza da terra natal ou com as pessoas com quem atravessamos momentos que marcaram nossa infância e juventude.<sup>134</sup>

Na década de 1970, Maria Prestes e seus filhos partiram para o exílio na URSS. Porém antes da saída do país enfrentou mais obstáculo: retirar os documentos das crianças, que não tinham registrado o nome do pai na certidão de nascimento. A pecebista teve que contar com a ajuda de advogados e testemunhas para conseguir os documentos dos filhos, e quando chegaram a URSS, com a família completa, seus filhos se debateram com certa dificuldade em reconhecer que o tio Prestes era o seu pai.

O cotidiano no exílio, aos poucos foi abandonando a rigidez da clandestinidade e as duras regras que deveriam seguir, tornaram-se mais flexíveis segundo Maria Prestes em uma noite quando a família estava reunida na sala em frente à televisão, Prestes

(...) entrou na sala e, sentando-se na poltrona sempre reservada a ele, perguntou:  
 - Já está na hora do noticiário?  
 Eu o repreendi carinhosamente:  
 - Agora até você anda de pijama dentro de casa?  
 Ele riu amarelo, mas os meninos ficaram às gargalhadas. Enfim ele aprendera a relaxar com os filhos, deixava de ser o homem público, tornava-se pai na intimidade do lar.<sup>135</sup>

A tranquilidade encontrada pela família Prestes no exílio não deixa Maria esquecer e selecionar momentos de sua vida partidária que envolveu prisão do pai, o convívio com outras famílias pecebistas, fugas, clandestinidade e o exílio. Em seus relatos percebeu-se a interiorização da nova moral comunista, e a assimilação dos códigos e regras que, a partir dos modelos exemplares, a colocaram como uma militante revolucionária, que executava com dedicação suas tarefas, representando *os dignos comunistas*.

---

<sup>134</sup> *id. ibid.* p. 152.

<sup>135</sup> *id. ibid.* p. 140-141.

O PCB teve influência direta da nova moral, a partir da fase obreirista, em que mudanças estruturais ocorreram no interior da organização, entre elas, a troca de intelectuais por operários na direção do Partido, o aprofundamento nas orientações das teorias marxista-leninista e a assimilação dos códigos e modelos de comportamentos. Os códigos morais serviram para construir o modo de ser, pensar e agir dos militantes pecebistas, e as imagens femininas, representadas nesta pesquisa por Maria Prestes se inseriram neste processo.

Cabe lembrar que muitas militantes entravam no Partido devido alguma influência masculina sendo “esposas, filhas ou parentes” de militantes, e por mais que se destacassem nas tarefas determinadas pela organização, na maioria das vezes, lhes eram destinados papéis “secundários”. No entanto, a desigualdade de gênero no interior da organização, como os relatos de Maria Prestes apontaram, não era vista como um problema para as militantes que lutavam para construir uma sociedade em que prevaleceria a igualdade e a justiça social, e portanto, qualquer sacrifício era válido em prol da causa.

Porém, não bastava entrar no Partido, adotar sua ideologia como única resposta lógica e racional, vivenciar os códigos morais, estar dispostos a doar-se à luta revolucionária, para ser um militante do Partido Comunista do Brasil era necessário, “uma transformação de ordem interior, de seu próprio ser” abandonar quaisquer vícios “inerentes à sociedade burguesa e capitalista, como individualismo, o egoísmo e as vaidades pessoais” para assim, adquirir “uma nova identidade social”.<sup>136</sup>

Ao fazer análise do relato de uma disciplinada militante comunista, percebeu-se o quanto ela utilizou sua escrita biográfica para narrar sua vida com Luiz Carlos Prestes, os feitos do líder, suas viagens, em detrimento do cotidiano da sua própria militância.

O ter contato com a memória da militante engajados na luta política, permite constatar que as lembranças são “manipuladas” para revelar os atributos do coletivo, ou em outras palavras que não há memória individual, pois toda memória, e neste a de Maria Prestes, remete ao social.

O trabalho desenvolvido com memória, além de focalizar nas lembranças, remete também ao esquecimento, e ao relembrar sobre sua trajetória de vida, Maria

---

<sup>136</sup> FERREIRA, *op.cit.*, 2002. p. 72.



Prestes deixou-se levar (o que é comum para todos os seres humanos) pelo esquecimento, pois memória não se apodera dos fatos tal como eles aconteceram exatamente, e como o esquecimento “está inserido em todas as relações sociais (...) e em relação dos indivíduos diante de suas próprias experiências (...) é impossível negá-lo ou deixar de assumi-lo”.<sup>137</sup>

Após a anistia na década de 1980, Maria Prestes e parte da família voltaram ao Brasil. Relembra que a readaptação foi difícil, tinham o Comitê de anistia que os ajudavam, e, alguns amigos como Oscar Niemayer e João Saldanha. Segundo a pecebista “sempre digo que agradeço os dez anos que vivi na Rússia e principalmente a educação dos meus filhos”<sup>138</sup>, todos formados na pátria socialista, as meninas em pedagogia, obstetrícia e química, o Yuri em jornalismo e história, o Luiz Carlos, cinema, jornalismo e história e, o seu filho Pedro (falecido em 14 de nov de 2010) engenharia de avião.

Ao acompanhar Prestes em suas viagens á Congressos e Conferências como Secretário Geral do PCB ao exterior, Maria Prestes lembrou que conheceu as “17 repúblicas soviéticas”, também a Tchecoslováquia, Alemanha, Búlgaria, Moçambique, Angola, Cuba entre outros países “foi e é gratificante, é uma bagagem de cultura que você traz”.<sup>139</sup>

Maria Prestes destacou sobre sua posição política em uma entrevista, afirmando que ainda é comunista, pois a “exploração do homem pelo homem não acabou, e as ideias de Lênin e de Marx continuam. Eu vivi num sistema socialista onde não havia desemprego”, para Maria Prestes existiam outros problemas, “não havia essa industrialização, liquidificador, panela de pressão, máquina de lavar, tudo isso era muito precário”, porém, segundo a militante, todos recebiam um salário, tinham acesso á moradia e a educação de qualidade.<sup>140</sup>

Na atualidade a militante considera-se uma comunista independente, sem filiação partidária. Em dezembro de 2011, foi homenageada com o Diploma Bertha

<sup>137</sup> PACHECO, Vavy Borges. Grandezas e misérias da biografia. In: *op. cit.*, p 24.

<sup>138</sup> LACERDA, Antonio Carlos. Viúva de Luiz Carlos Prestes relata 40 anos de convivência com o líder comunista. In: *Portal Pravda.ru*. Moscou – Rússia, 20 jun. 2012. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/cplp/brasil>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

<sup>139</sup> LACERDA, Antonio Carlos. Viúva de Luiz Carlos Prestes relata 40 anos de convivência com o líder comunista. In: *Portal Pravda.ru*. Moscou – Rússia, 20 jun. 2012. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/cplp/brasil>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

<sup>140</sup> LACERDA, Antonio Carlos. Viúva de Luiz Carlos Prestes relata 40 anos de convivência com o líder comunista. In: *Portal Pravda.ru*. Moscou – Rússia, 20 jun. 2012. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/cplp/brasil>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

Lutz, honraria concedida às mulheres que se destacaram nas lutas pelas transformações sociais e pela igualdade de gênero.

## FONTES

BOLDYRIEV, Nicolai Ivanovich. *A Formação da Moral Comunista*. Folheto editado em Moscou em 1951, pela Sociedade de Divulgação dos Conhecimentos Políticos e Científicos da URSS. Disponível em: <[www.pcrbrasil.org](http://www.pcrbrasil.org)>. Acesso em: 02 ago. 2016.

PRESTES, Maria. *Meu Companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

*A Era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

ARRUDA, Claudia Maria Valmon. Memórias num bordado: traços de Genny Gleizer no arquivo público do Estado do Rio de Janeiro. In: *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v.23, n.1, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br>> Acesso em: 17 jun. 2017.

BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. 199 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1995.

BUONICORE, Augusto. As mulheres e os 90 anos de comunismo no Brasil. in: *Portal Centro de Memória Sindical*. 2012. Disponível em: <<http://memoriasindical.com.br>>. Acesso 06 de nov de 2016.

FERREIRA, Alane; LINS, Marcelo. As questões de gênero no interior do Partido Comunista do Brasil – PCB (1928-1947). In: *Temporalidades*. v. 7. n. 2. mai/ago. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito – cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Mauad e Eduff, 2002.

GOLDENBERG, Miriam. Mulheres & Militância Política de Esquerda no Brasil: uma história não contada. In: 20ª Reunião Anual da ANPED, GT11, 1997. *Educação crise e mudança: tensões entre a pesquisa e política*. Anais... Caxambu – MG. n.p. Disponível em: <[www.anpocs.com](http://www.anpocs.com)>. Acesso em: 25 out. 2016.

LACERDA, Antonio Carlos. Viúva de Luiz Carlos Prestes relata 40 anos de convivência com o líder comunista. In: *Portal Pravda.ru*. Moscou – Rússia, 20 jun. 2012. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/cplp/brasil>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Mulheres e o imaginário comunista (Uma nova história; uma história nova) 1945 – 1956*. 159 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Curitiba, 2003.

LEITE, Isabel Cristina. Cultura política comunista: múltiplas facetas no discurso de seus militantes radicais. In: *III Congresso Internacional de História Oral de La Republica Argentina*, 2009, Buenos Aires. Los usos de la memoria y la história oral. Buenos Aires: Patrimônio e Instituto Histórico, 2009.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). *Usos e abusos da História Oral*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

MONTEIRO, Claudia. *Política entre razão e sentimentos: A militância dos comunistas no Paraná (1945-1947)*. 207 f. Tese (doutorado) – Universidade federal do Paraná, curso de Pós Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. In: *Revista de História*, Juiz de Fora: Editora UFJF, vol. 3, n. 1. ISSN 1413-3024.

O caso de Genny Gleiser: a garota judia e comunista deportada por Vargas. In: *Portal vermelho*. Disponível em: <[www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)>. Acesso em: 20 mai. 2017.

PACE, Ana Amelia Barros. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. 2012. 172 f. Dissertação de Mestrado e Estudos Linguísticos, Literários e Tradutórios em Frances. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

PACHECO, Vavy Borges. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto. 2008.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: História e Memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. *Estatutos do PCB*. Aprovado no IV Congresso, 1954. Disponível em: <[www.pcb.org.br](http://www.pcb.org.br)>. Acesso 16 abr. 2017.

PEREIRA, Astrojildo. Formação do PCB. In: *Ensaio Históricas e Políticos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. p. 200-215. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Portal A Nova democracia. Disponível em: <<http://anovademocracia.com.br/no-45/1770-a-vida-de-willian-dias-gomes>> Acesso em: 05 fev. 2017.

*Portal Marxists Internet Archive – Dicionário Político*. Disponível em: <<http://www.marxistsfr.org>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

PRESTES, Maria. Companheira Prestes. *Revista de História (RHBN)*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 76, jan. 2012. Entrevista. ISSN 1808-4001.

REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTOS, Eunice Ferreira. *Eneida de Moraes: Tons e semitons do Exílio*. Universidade Federal do Pará. *n.l. n.d.* p. 2. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br>> Acesso em: 10 jan. 2017. No prelo.

SEGATTO, José A.; SACCHETTA, Vladimir; et. alli. *PCB: memória fotográfica. 1922-1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de Histórias: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, STELA; NAXARA, MÁRCIA (org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

VINCENT, Gerard. Ser Comunista? Uma maneira de ser. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.